ISSN 2359-053x

ANO 7 - NÚMERO 91 - MAI 2022

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

AS PESSOAS NÃO MORREM, FICAM ENCANTADAS...

p. 08

HOMENAGEM
Despedida
p. 15

HOMENAGEM
Naturleda
p. 24

HOMENAGEM
Cinzas
p. 49

FENAE
51
ANOS

Há 51 anos estamos presentes
na vida dos empregados da Caixa.

Promovendo o bem-estar destes trabalhadores
Por meio do esporte, da cultura,
do lazer e defesa dos seus direitos.

Por mais desenvolvimento social,
defendemos a Caixa pública e social.

Nesses 51 anos, construímos uma
história de unidade, lutas e conquistas!

Acesse e saiba mais www.fenae.org.br

FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

“Sim, sou chão. Sou deste chão sarobento, cheio de toá, chão amarelo, chão poeirento. Sou chão, sou terra, sou Cerratense.É aqui que eu espírito mora. Talvez amarrado num pé de pequi carregadinho de bagos. Ou anda meu espírito preso pelas cagaiteiras, nos pés de mangaba, pelos jatobás, ou simples que seja, preso nas ramadas das quaresmeiras em flor.”

Iêda Vilas-Bôas

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista (*in memoriam*). **Zezé Weiss –** Jornalista. **Ailton Krenak –** Escritor. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Ana Paula Sabino –** Jornalista. **Andréa Luisa Teixeira –** Professora. **Andrea Matos –** Sindicalista. **Ângela Mendes –** Ambientalista. **Antenor Pinheiro –** Jornalista. **Binho Marques –** Professor. **Cleiton Silva –** Sindicalista. **Elson Martins –** Jornalista. **Emir Sader –** Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues –** Advogado. **Graça Fleury –** Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) –** Poeta. **Iêda Leal –** Educadora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora (*in memoriam*). **Iolanda Rocha -** Professora. **Jacy Afonso –** Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira –** Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire –** Escritor. **Júlia Feitoza Dias –** Historiadora. **Kleytton Morais –** Sindicalista. **Kretã Kaingang -** Líder Indígena. **Lucélia Santos –** Atriz. **Lúcia Resende –** Revisora. **Maria Maia -** Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima –** Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto -** Diplomata. **Trajano Jardim –** Jornalista.

CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. **Eduardo Pereira –** Produtor Cultural. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **Joseph Weiss –**Economista.

Esta edição 91 reverencia a memória de Iêda Vilas-Bôas, conselheira da Revista Xapuri desde as primeiras edições. Em nossas páginas, Iêda deixou gravados poemas e textos primorosos sobre o Cerrado (sua grande paixão), Cora Coralina (sua outra grande paixão), mitos, lendas e, especialmente, perfis incríveis de mulheres extraordinárias, esquecidas ou apagadas de nossa História

Excepcionalmente, este número não registra uma lista específica de colaboradores e colaboradoras, como fazemos todos os meses. Com centenas de contribuições recebidas, seria impossível registrar todas. Optamos, também, por só qualificar a autoria da matéria de capa, assinada pelas irmãs e pelo irmão de Iêda. Para as demais, os créditos estão listados junto ao título.

Também não nos foi possível identificar a autoria de cada foto. A maioria delas vem das redes sociais de Iêda ou foram enviadas por pessoas muito próximas a ela. Fica, então, nossa gratidão, a cada qual de vocês que nos ajudaram a homenagear Iêda Vilas-Bôas.

Comovidas, nossa equipe da Revista Xapuri e a família Odevico agradecem cada gesto de carinho recebido neste momento de profunda tristeza. Agradecemos os pêsames, vindos em milhares de mensagens, daqui de Formosa, do Brasil e do mundo inteiro. Na impossibilidade de registrá-las todas, optamos por enviar, por aqui, a cada qual de vocês o nosso grato abraço coletivo. No mais, é honrar sua memória, celebrar seu legado, respeitar sua decisão.

Paz e Bem!

Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

"Ninguém solta a mão de ninguém".

Agamenon Torres Viana

Eu sinto muito!

Altair Sales Barbosa

Amada, você nem sabe, ou sabia bem, o quanto foi gracioso encontrar com você. Sua passagem foi de muita tristeza em muitos corações. Seu amor pela arte e pelo Cerrado dialoga com a minha alma e continuará, vamos seguir a sua luta... Tem coisas que são eternas, e o sentimento é de gratidão, vamos sentir saudades! Te amo! Suas hermanas choram e, quando elas choram, eu choro também.

Ana Paula Sabino

Imensa tristeza.

Andrea Matos

Equipe Xapuri, sinta-se abraçada nesse momento de dor. Rogo ao criador que a receba com todo amor e que dê conforto aos nossos corações.

Angela Mendes

Iêda foi uma das especialistas em Cora Coralina que sempre repetia: "Nada do que fazemos é importante se não tocarmos o coração das pessoas". Iêda, com sua personalidade forte e delicada, soube tocar o coração de cada pessoa com suas histórias, poesias e seu amor ao Cerrado. Iêda nos brindou com muitos poemas como o intitulado "A Rotina", do qual destacamos esta frase: "Ou movimentamos a roda da vida ou esta senhora rotina soberba nos consome" ou o outro lindo poema: "No Cerrado tem", que exalta a grandeza e as maravilhas do Cerrado. Cremos que muitas pessoas aprenderam a amar e a lutar pelo Cerrado com Iêda, que foi uma mulher inspiradora e incentivadora. À Iêda, nossa eterna gratidão.

Iolanda Rocha e João de Deus de Souza

"O que a vida quer da gente é coragem".

Gilney Viana

Lamento muito.

Jair Pedro Ferreira

Iêda, sua passagem deixou em mim o encantamento da poesia, a alegria dos causos, a força do Cerrado, o poder do universo feminino e muita, muita gratidão por ter te conhecido e por ter, para sempre, você em minha memória e em meu coração.

Janaina Faustino

Iêda sempre foi minha irmãzinha desde que entrei para a família Odevico (filhas e filho de Odete Vilas Bôas e Otávio Pereira da Silva, o seu Vico). Da nossa primeira viagem em um fusca azul, para Brasília, até nossa última conversa, recentemente, nossas prosas foram sempre profundas, sobre política, desigualdades sociais, cultura, educação. Iêda era dessas pessoas que, onde estava – na família, na sala de aula, nos espaços de militância, sempre enchia o ambiente. Era grande, brava e forte, a minha irmãzinha. Vai fazer.

Joseph Weiss

Dói aqui também. Força!

Lucélia Santos

Xapuri 91
SOCIOAMBIENTAL
MAI 22

17 SOU CHÃO, SOU TERRA, SOU CERRATENSE

20 ADELINA CHARUTEIRA

23 MEU DIVINO, MEU DIVININHO, CUIDA DAS MONGUBAS POR MIM!

26 SOMOS CERRADO!

31 SOU CERRATENSE

37 CERRANTENSE: QUE POVO É ESSE?

38 A HISTÓRIA DE ANINHA (QUE VIROU CORA CORALINA)

40 POEMA PARA DODORA, NOS SEUS 103 ANOS

41 A ROTINA

44 O MITO DO ROMÃOZINHO

46 NO CERRADO TEM

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

AS PESSOAS NÃO MORREM, FICAM ENCANTADAS...

Zezé Maria, Maria Martha, Maria Lúcia, Sílvia Maria e Luiz Otávio

> ***"As pessoas não morrem, ficam encantadas... a gente morre é para provar que viveu."***
>
> Guimarães Rosa

PARA MARIEDA

Querida Hermana,

Só mesmo essa sua irresistível paixão pelo encanto pode, de alguma forma, explicar sua decisão radical de desembarcar do esptaço físico deste mundo nos minutos finais do último dia 8 de abril.

Só mesmo esse seu indomável desejo cósmico por bordar imaginárias constelações de luz em algum jardim distante, fincado nos indecifráveis mistérios do infinito, consegue nos dar algum alento ante essa dor insuportável dos impensáveis rituais de despedida.

Estrela-maior aqui na Terra, você optou por ancestralizar-se – ao seu jeito e no seu tempo – para transmutar-se em "amapari", daqui por diante estrela-guia a iluminar os corações e mentes de quem, como nós, suas irmãs Marias e seu irmão Luiz, vai sempre amar você.

IEDINHA

Você nasceu miúda, gorducha e, orgulho seu e nosso, "pretinha" como a bisa Ilídia, no começo de uma manhã serena de quinta-feira, no dia 17 de outubro de 1963. Era primavera e o Brasil vivia sob os auspícios da "democracia de massas" do governo progressista de João Goulart.

Quase rapa do tacho da farta barrigada (como você dizia) de dona Odete (Dondete) e Sô Vico, você foi a sexta e última das Marias. Depois de você, a única a nascer na cidade, em hospital e por mãos de médico, só veio mais uma cria, nosso irmão Luiz Otávio.

Do Hospital da cidadezinha mineira de Campina Verde você veio direto, ainda uma bebê sem nome, para aquela nossa casinha camponesa, na Fazenda Aldeia dos Índios, banhada pelo Rio Grande, no município de São Francisco de Sales, no Triângulo Mineiro, na divisa com Riolândia, estado de São Paulo.

Na roça, nossa mãe e nosso pai ouviam rádio e, por conta das notícias do rádio, quiseram que você se chamasse Norma Maria ou Iêda Maria, mais uma Maria, para juntar-se às outras cinco Marias de Odete e Vico.

Autodidata, bem-informada e amante das artes, mamãe escolheu homenagear Norma Bengell, primeira atriz brasileira a exibir um nu frontal no cinema nacional, no filme "Os Cafajestes", de Ruy Guerra, no ano de 1962. Mamãe já te antevia na vanguarda, hermana!

Papai, ao contrário, não gostou muito dessa história, registrou você como Iêda Maria, em deferência à beleza da gaúcha Iêda Maria Vargas, coroada Miss Universo meses antes de você nascer, em julho de 1963. Você cresceu Iedinha, que é como papai sempre te chamou, enquanto viveu neste mundo.

MEUS OITO ANOS

O nome, mamãe não mais contestou. Mas também não desistiu de fazer de você uma mulher culta e das artes. Nos seus dois anos, enquanto te enchia de chá de sabugueiro para curar um "sarampo recolhido" que quase te matou, acalmava você declamando os poemas de seus poetas preferidos: Luiz Otávio, Castro Alves e Casimiro de Abreu.

Foi assim, hermana, que, enquanto aprendia a falar, você já declamava seus primeiros versos. Aos cinco anos, no jardim de infância, você já era um fenômeno, recitava de cor e salteado longas quadras do *Navio Negreiro*, de Castro Alves.

Em 1965, nossa família se mudou para Riolândia, na outra margem do Rio Grande, para que as Marias todas pudessem estudar. Lá, você fez sua primeira escolha literária, antes de completar os sete anos: resolveu se especializar no poema *Meus Oito Anos*, de Casimiro de Abreu.

Apaixonado por seu talento precoce, papai entrou na onda. Uma bela tarde, Sô Vico alugou o cinema da pequena cidade, chamou a meninada, convocou a família, mobilizou a vizinhança, formou plateia, organizou o espetáculo.

Mamãe te vestiu toda de vermelho, costurou roupa de Carmen Miranda, com turbante e tudo. Cuidadosa, Dondete montou retaguarda, escreveu os versos em uma folha de papel, colocou Zezé na coxia, para o caso de a emoção da ribalta trair a memória daquele pingo de gente.

No calor da hora, de pé em um tamborete no centro do tablado, cada vez mais aplaudida, a menininha acabou se esquecendo de uns quantos versos. Ansiosa, você olhava para a cortina em busca do socorro que não vinha (Zezé tinha esquecido a cola em casa).

Problema não, você se virou do seu jeito, seguiu declamando os versos que lembrava, sufocada pelas palmas. Estava feito o show, Sô Vico e Dondete ecoavam o sentimento de uma comunidade inteira: eram só orgulho. Dali pra frente, seria um brilho só!

FORMOSA

Hermana, você era bem pequena, nem havia completado seus oito anos, quando viemos para Formosa, no ano de 1971. Bem rápido, você arrumou montões de amizades, muitas delas seguiram por toda a sua vida, e por aqui você foi construindo sua identidade cerratense, foi se agitando, ajeitando e contestando, que isso era bem seu.

Aluna brilhante, destaque na escola, convincente como ninguém, aos 13 anos deu um jeito de as freiras empregarem você na biblioteca do Colégio São José, uma das melhores e mais completas da cidade. "Foi o meu jeito de mergulhar nos livros ganhando uns trocados", você contava rindo, quando, do nada, baixava o seu santo contador de causos.

Mas foi no Colégio Sagrados Corações (Coleginho) que você se formou professora e descobriu, pelo incentivo da Irmã Olga, a incrível Cora Coralina, seu objeto de estudo,

sua grande paixão literária. Espírito inquieto, foi ainda nos tempos de colégio que você inventou de aprender a benzer para, como você sempre dizia, aplacar as dores da alma de quem já não sabia mais pra onde correr.

Foi também em Formosa que você construiu sua brilhante jornada de militante política antirracista, anti-homofóbica, ambientalista, feminista, poeta e escritora libertária, admirada, reconhecida e premiada para muito além do sertão goiano. De Formosa você voou para o mundo e pra Formosa você trouxe o melhor do mundo. "Eu vou, mas sempre volto. Maktub", você dizia.

A vida é uma ventania! Família Odevico, como ela gostava de dizer. Iedinha, filha de tia Odete e tio Vico. Poetisa, militante, viajante do mundo. Agora viajou para um pouco mais distante.... vá na luz, ela é vitoriosa.
Stela Coeli Ferreira.

MARIAS

Essa história de Marias foi você quem inventou, hermana! Muito antes do "Ninguém solta a mão de ninguém", você decidiu que, entre nós, pra muito além dos biológicos laços de sangue, o destino traçou indeléveis e indestrutíveis correntes de solidariedade.

Brigar a gente brigava, como toda irmandade, mas falasse alguém de uma de nós ou do nosso Luiz que você partia pra cima, não poucas vezes na "porrada". "Doeu em uma, doeu em todas; mexeu com uma, mexeu com todas; alegrou uma, alegrou todas," era o seu bordão de todo dia. "E não mexam com o nosso Luiz, que tem Maria de sobra pra defender", você dizia.

Foi você também que, depois de uma viagem pelos Andes peruanos, resolveu que entre nós o tratamento seria de hermanas e hermano, sendo você doravante Marieda, para que o seu Maria estivesse sempre presente e saliente em nossas prosas.

Amorosa, você deixou para cada uma de nós um legado de lindos textos. Para a Di Lourdes, nossa irmã encantada bem moça, em setembro de 1990, e que é nome de creche em Formosa (CMEI Maria de Lourdes), você escreveu e leu, a convite do vereador Wélio de Iraci Chegou, um lindo discurso-apoemado, durante a inauguração da biblioteca da creche, na primavera de 2021.

MARIA DE LOURDES

Essa mana Maria nunca esteve na cova da Iria (Aliás, Iria foi uma agregada de nossa família, uma preta bondosa e birrenta que a cada uma de nós dava uma nova alcunha. A Maria de Lourdes foi por ela rebatizada de Zói Regalado).

Tampouco, nunca esteve a mana em Portugal e nunca se encontrou com a Virgem. Entretanto, foi mãe Santa e guerreira. Enfrentou aflições, dilemas, problemas, por vezes bem parecidos com os que enfrentou a mãe do Nazareno.

Essa mana, a Di Lourdes, Lourdinha, a segunda na escala decrescente das Marias, aqui ficou breuíssimo espaço de tempo: 33 anos. Uma triste coincidência com a idade do Salvador.

A mana Maria de Lourdes também passou seu bocado, seu calvário. Mas foi mulher bonita, faceira e encantadora, só não a pusessem nervosa que saía a gaguejar.

A Mana Di Lourdes prendada, mãos abençoadas para costurar, criar, inventar. Mana que tirava da cabeça incríveis ideias para alegrar olhos de todos:

bonecas, móbiles, tapetes... e completar a renda familiar. A mana artesã de quem tenho saudosas lembranças.

Essa mana foi professora, talvez a mais dedicada que conheci. Um esmero em cada detalhe, em cada enfeite, em cada carinho. Mana do acolhimento e do aconchego, sempre trazia ao seu lado um ser necessitado e assim a nossa casa de enchia de gente, de amigos, de parentes.

Mana generosa, caridosa e de um coração gigante. Testemunho que já vi essa mana doando seus pertences (inclusive os das outras manas também) para aplacar a necessidade de alguém.

Mana que virou estrela, puro raio de luz, que deixa história, belas e felizes memórias. Mana que virou nome de creche (e ela amava as crianças) Hoje: motivo de honra e júbilo.

Maria de Lourdes Pereira da Silva – essa que deve estar radiante, como todos e todas nós, porque as crianças que estudam na creche que carrega seu nome recebe parquinho novo, modernidades.

Penso na alegria que essa mana sentiria ao ver a meninada feliz, segura, bem alimentada, bem cuidada e estudando. Imagino que de onde esteja também agradecerá ao vereador Wélio de Iraci Chegou por lutar sua luta: escola, comida, brinquedo, cuidado, carinho aos pequeninos.

Em nome da família de Dondete e Sô Vico: suas 5 filhas e seu filho – vivos – e dos descendentes da Mana Maria de Lourdes quero dizer de nossa felicidade por podermos vivenciar este momento.

Queremos agradecer por manterem o ideal da mana firme e de pé: solidariedade, amor e partilha.

Somos um coro uníssono onde ressoa a palavra – gratidão!

Façamos, aqui, a chamada da saudade:

Maria de Lourdes, presente!

Creche Maria de Lourdes: nosso presente!

Eu quero homenagear minha prima Iêda, nascida aqui na nossa região, em Minas Gerais. Tia Odete, mãe das Marias e do Luiz Otávio, era minha mãe de criação. Nós gostamos muito de todas as primas e do Luiz Otávio. A morte da Iêda foi um baque para nós, ninguém pensava nisso, era tão nova, bonita, trabalhadeira, vamos sentir muita falta da Iêda. Que Deus abençoe toda a família, ela foi morar com Deus.

João Batista de Queiroz

CONVIVÊNCIA

São muitos os causos da nossa convivência feliz e divertida! Lembra aquela vez, no ano de 1994, em que os médicos de Brasília descobriram um aneurisma na aorta de nosso pai, e três de nós – Lúcia e você, de Formosa, e Zezé, desde New York – descambaram pra São Paulo, em busca de socorro?

Sô Vico, que era grudado em Lúcia, que era grudada em você (a quem você chamava de "Nega Peta"), partiu para São Paulo com duas acompanhantes. Já em Brasília, no balcão do aeroporto, você assumiu o comando:

– Moça, duas cadeiras de rodas, por favor!

Surpresa, a atendente indagou:

– Duas?

– Sim, uma para o doente e outra para a acompanhante, que tem deficiência e também precisa de uma cadeira, você respondeu ligeira.

E lá se foram os três, você empurrando as duas cadeiras de rodas, até o embarque para São Paulo, Sô Vico com indicação de urgência, recomendada pelo Dr. Ely Toscano Barbosa, respeitado cardiologista da Capital.

Lembra, Marieda, que no aeroporto houve atraso e Sô Vico só chegou à clínica pouco antes da hora do almoço, o expediente fechando, para ser retomando às 14 horas?

Ao perceber que a moça da recepção já tinha colocado a bolsa no ombro pra sair, você se adiantou:

– Vai fechar? Acabamos de chegar de Brasília, meu pai é o paciente que o dr. Ely recomendou, se recorda? Não temos pra onde ir, não conhecemos nada aqui, podemos ficar na clínica até você voltar? E papai, posso deitá-lo no consultório para esperar o médico?

Pega de surpresa, a atendente gaguejou um sim, enquanto aju-

dava a acomodar papai dentro do consultório.

Já mais animado, Sô Vico logo soltou o seu tradicional "eu já como", que era sua forma de dizer que estava com fome. E agora, onde arrumar comida, um caldo, que era só o que ele conseguia engolir àquela altura?

Você saiu rápida como sempre, voltou com um copo de sopa rala, colocou na mesa do médico, levantou papai e o ajudou a se sentar para comer. Não foram mais que três ou quatro colheradas e, açodado pela fome, Sô Vico bateu a mão no copo e derrubou tudo na mesa do médico!

Papai, assustado, tremia. Você tratou de acalmá-lo. Acomodou-o novamente na cama do consultório e embrenhou-se sabe-se lá por quais corredores daquela clínica, para voltar com água, balde, pano e detergente, com todo o arsenal de limpeza, deixando tudo nos trinques, antes do retorno da recepcionista e da chegada do médico.

Às 14 horas, em ponto, lá estava o doutor para o exame. Laudo nas mãos, os três partiram num táxi para um hotelzinho bem fuleiro e bem barato, perto do hospital Beneficência Portuguesa, para esperar a consulta, que seria na manhã do dia seguinte. Ufa!

COMPAIXÃO

No hospital, a espera foi longa. Vinda direto de New York num voo que durou a noite inteira, Zezé apagou na primeira cadeira vazia que conseguiu encontrar. Sô Vico na cadeira de rodas via TV e observava, por certo orgulhoso de suas três filhas ali, junto com ele naquela hora difícil.

Lúcia espiava papai a meia distância, apreensiva. Você, pra variar, logo se aproximou de uma senhora de São Paulo, que tratava ali fazia tempo, e puxou conversa. Você contou que éramos de Formosa, Goiás, e que o tratamento de papai era feito em Brasília, mas que daquela vez o médico havia encaminhado para São Paulo.

A senhora perguntou se as duas, você e Lúcia, eram filhas. Você respondeu que sim e apontou para a Zezé:

– Ela também é, mas está muito cansada, chegou essa madrugada dos Estados Unidos.

A mulher, surpresa, indagou:

– E vocês, as três, estão aqui só pra acompanhar seu pai?

Orgulhosa, você respondeu que sim, ao que a mulher retrucou, profundamente triste:

– Pois eu moro aqui, mas minhas filhas nunca me acompanham. Acredita que eu venho sempre sozinha e até já operei sem nenhuma companhia? Ah, se eu tivesse filhas amorosas assim, eu acho que nem seria tão doente... A mulher seguiu lamentando, foi-se encolhendo na cadeira...

Uma sobrinha tão inteligente, tão boa, tão cuidadosa comigo, ir embora assim tão cedo, meu Deus! Toda vez que ela passava por Uberaba, vinha me ver, me enchia de perguntas, mexia nas minhas fotos, era uma alegria danada! Deus alivie a dor de toda a nossa família.

Aparecida Bessim Pereira

Você, hermana, não teve dúvidas:

– Mas, ó, deixa eu te contar uma coisa: a gente se une assim na doença, junta todo mundo, é mesmo de fazer gosto. Mas passado o perrengue, é cada qual no seu canto porque, cada vez que a gente se encontra, tem briga de dar até morte, é na facada mesmo!

– Credo, isso minhas filhas não fazem, não!

A mulher levantou-se rápido, saiu por entre as cadeiras e se sentou bem longe de nós, lembra?

Lúcia, até então muito calada, repreendeu você fula da vida:

– Como assim, você enlouqueceu? De que brigas você está falando? Isso é um absurdo! Você, calmamente, justificou:

– Ora, mana, você não tem compaixão? Você viu a tristeza da mulher, achando que tinha as piores filhas do mundo? Você não imagina o que ela deve

sofrer? Ela agora está menos infeliz, pode apostar!

SOLIDARIEDADE

À medida que sua irmã, companheira de trabalho, a "Nega Peta", foi perdendo a mobilidade, você grudou nela para resolver, à sua maneira criativa, os graves problemas de acessibilidade por ela encontrados em Brasília.

Uma vez, Marieda, Lúcia precisava assinar, pessoalmente, documentos na então Fundação Educacional do Distrito Federal, em uma sala que ficava no topo de uma escada, sem elevador. Você deu seu jeito:

– Moço, me dá uma ajudinha aqui?

– Pois não, disse solícito o primeiro professor que passou por sua frente.

– Carrega minha irmã até lá em cima? Ela precisa assinar um documento urgente e eu não tenho braço pra isso.

Claro que o professor subiu nossa irmã Lúcia, que te deu um carão pela vergonha passada, ao se ver nos braços de um desconhecido. Pra descer, você contava rindo que Lúcia resolveu que era melhor descer sentada, escorregando pelos degraus, pra evitar nova vergonha. E assim foi.

Você era assim com todas nós, hermana. A cada neta ou neto de cada qual de nós que nascia, você parava seus escritos por semanas e meses, para se esmerar na produção de mantas e fantásticos mandriões, bordados à mão, para os batizados.

Mana Sílvia não esquece o ramalhete de rosas vermelhas com que você a presenteou no nascimento da Maraísa e lembra as mantas que você fez com carinho para Heitor e Manuela...

Nos aniversários das nossas meninas, você escrevia lindos poemas sobre o Cerrado, sobre a história daquela criança, para que sua "Nega Peta" bordasse e costurasse em forma de belíssimos vestidos.

Bordadeira de primeira, você aprendeu o ofício com sua madrinha Glorinha, de quem você também cuidava com esmero de filha.

E quantas vezes você não perdeu uma prova ou interrompeu uma viagem para ficar bem perto de uma irmã em dor?

Quantas noites você não abdicou de uma daquelas festas que você tanto amava para ajudar sua irmã Martha a finalizar uma batelada de artesanato? E quando ela, aprovada em concurso da Secretaria de Educação do GDF, encontrou entraves burocráticos para assumir? Você foi ao MEC e rodou a baiana, lembra?

E quando, em 2015, foi descoberto o câncer da Zezé, você, que nunca gostou de cozinhar, tornou-se esperta na produção de bolos sem açúcar, para que ela pudesse ter uma dieta adequada ao tratamento.

Isso sem falar no carinho que você tinha por nosso irmão Luiz. Era lá que você se abancava quando seu coração doía ao ponto de pensar fixamente na melhor forma de partir deste mundo. Nas piores horas, era no ombro do Luiz que você mais chorava.

LULA LIVRE

Viajar com você era bom demais! Como esquecer os dias felizes que passamos em Curitiba, na Vigília Lula Livre? Durante quase uma semana, você foi a alma da Vigília, hermana, contou causos, recitou seus poemas, fez seus protestos, benzeu gente e ensinou gente a benzer!

Para que Lúcia tivesse orgulhosa aquela foto com Pepe Mujica, lembra seu empenho? E o quanto você proseou com as pessoas da Vigília? Quantas histórias ouviu e contou para nos recontar depois? Valeu a luta, hermana, Lula está livre e será nosso presidente novamente, como você queria, viu?

Participar de uma reunião com você também era bom demais! Como esquecer do último encontro da Xapuri, em 4 de dezembro, quando homenageamos o Jaime? Você chegou no começo da tarde, fez um lindo depoimento sobre sua trajetória na Revista e depois partiu para a contação de causos, fazendo todo mundo gargalhar até alta madrugada!

Mesmo quando seu coração estava chorando, você dava um jeito de distrair a gente com seu incrível bom humor. Na virada de 2021 para 2022, depois de receber o ano novo cantando e dançando "Olê, olê olá, Lula, Lula!", você escapou cedo da reunião familiar .

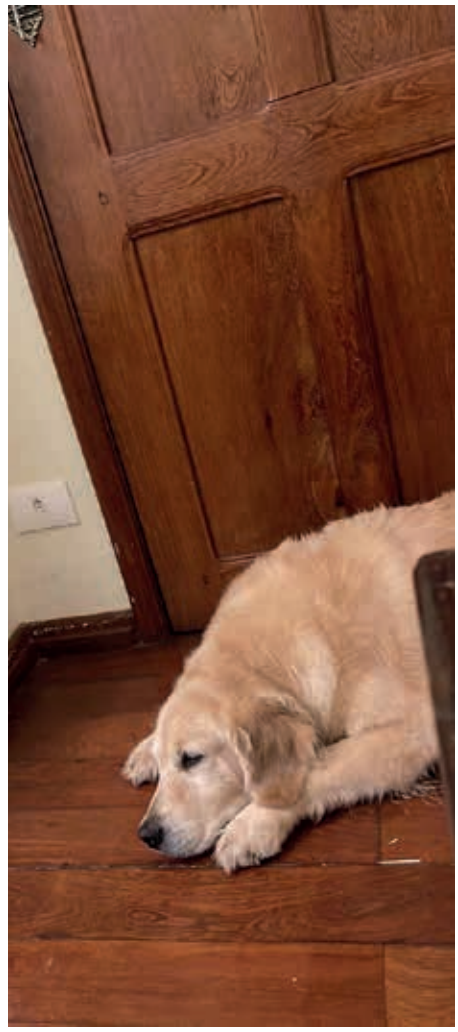
– Cadê tu? – perguntou Lúcia pelo zap, pouco depois da primeira hora de 2022.

A resposta veio acompanhada de uma foto:

– Vim ver Gucci (sua amada golden retriever). Não posso voltar, Gucci está fechando a porta, veja isso! Proibida de sair pela cachorra!

Só mesmo você, Marieda!

Zezé (Maria) Weiss – (Maria) Martha Nunes – (Maria) Lúcia Resende – Sílvia Maria e Luiz Otávio Vilas Bôas – Irmãs e irmão de Iêda Vilas-Bôas.



DESPEDIDA

Nara Vilas Bôas Bueno e Lopes

Não houve despedida solene. Você decidiu partir e fomos nos despedindo ao longo do tempo. Construindo memórias e angustiando a pressentida dor do adeus.

Memórias amorosas e dolorosas, de cumplicidade, de atrito, de felicidade... todo tipo de memória: memória besta de carinho cotidiano, de mesa posta, de papel timbrado, de muitos códigos de família, de sorrisos espirituosos, de rosca de batata quentinha com calda doce, de poemas declamados, de literaturas compartilhadas, de bobó de camarão saboroso, de trocas de ideias e teorias feministas, de ensinamentos políticos, de consciência de classe, de prosa boa com café fresco, de personagens vivenciadas, de longas estradas e memórias de viagens... todas elas serão, de agora em diante, por mim mobilizadas com um misto de maravilhamento, saudade e sofrimento.

Você decidiu se encantar, tal qual se encantava em vida pelas tantas causas que defendeu, minha mãe. Ficarão essas memórias, pois sei que está em paz. Consegui encarnar essa paz, mesmo em um momento tão doloroso, em sua cerimônia de cremação, ao lado dos meus. Olhamos para nosso Cerrado – majestoso e contorcido, naquela manhã serena – ouvimos suas músicas e poemas, fizemos preces para suas guias e choramos em família.

Nos despedimos para que fique em paz. E também fiquemos em paz, apesar da dor e da saudade.

Ficam seus ensinamentos, professora. Fica seu legado, mãe.

Amo você!

Pintura: Otoniel

Estrada

Reinaldo Bueno Filho

Existem dias que o coração retumba toque de macumba em ritmo tão forte que a dor exalta como agora das veias com pulsadas dolorosamente fartas. São gritos da alma: fartas-faltas bem-amadas de mim em sua falta. A saudade é um lugar comum agora. A memória, sua casa amada agora se enche de orgulho, de amor, de histórias e causos tantos. De vida. Tantas vidas. Sempre - agora, e na infalível memória.

É estrada em instante de breu, estrela em céu nublado, brilho da memória, ou um memorial astuto. É falta de minha ancestral. Mas, a Professora ainda ensina, sempre ensinou. A vida era sua mais confortável sala de aula. Essa aula, a própria vida, nunca foi simples. Nem seria. E creio que nunca um dia chegue a ser fácil qualquer vida, mas, muito mais: nem mesmo quero que seja.

Aprendi a amar o passado como quem ama o futuro ou o presente. O tempo verbal é detalhe para exímio poetizar. A memória estuda a saudade inquieta com suas linhas brilhantes de velar: o tempo sempre foi de amar, lutar, superar, e ainda que é saber esperar... O luto. Esquecer, não. É memória valiosa: "Esquece não". Existe amor em cada inflexão, em cada reflexão. Fez boa escola.

Dê-se, minha mãe, para a quintessência, longa Estrada, estirada em caminho guiado: há Estrela em céus a desanuviar. Ou seria elevar? Admiro A Estrela do Oriente em seu olho através de minha memória cansada e salgada, vejo sem ver a roda da Graça, às Graças, rodeando até mesmo um pouco de pólvora ao povo; ou, para mim, amor sempre e sempre de novo.

Revejo no pensamento o encanto de seu Ouro disposto em filosofia a buscar tudo transformar - pedra encantada - professora, sempre, certa, certeira. Aos montes e às estradas. Às Estrelas. Admiro o céu que vivia aberto em seu peito de desbravar. E eu que tanto aprendi ao observar seus dias, agora ainda aprendo ao pensar me em seus dias. Ícaro nunca me veio... À Estrada: céu seu, em horizonte e dentro do peito - abre alas para seu carro-chefe alegórico perfeito, na Lapa, no Pelô, no mundo ou no além-mundo. É sua filosofia a transformar mais. Caminhar mais.

Os Orixás e todas as entidades mais a abençoariam. Deus o faria também. Aos pagãos, a sã ciência acolheria sua vida em propósito cumprido. A sua Estrela é Guia. Guia sua Estrada. Ora aluna, professora, coragem, luta... Quanta batalha. A magia não falha e a Estrada também é seu lugar - sempre foi e sempre será. É do amor em Cora, uma vida sua também ao pé do borralho, uma de tantas Vidas suas, talvez, acocorada. Benzia, curava. Amaldiçoava, chorava, ria, caía, levantava e lutava. Quanto orgulho da poesia que fez versos doces de amargas frutas. Venceu muito mais que uma única última batalha.

Admiro, como filho, e aluno curioso também, seu olhar protagonista. Às vezes por demais goiano, mas sempre do Mundo. Seu Mundo. Agora mais além dele. O menino talvez não fala, mas sente, pensa e age. Ensinamentos seus. Seguir a caminhar como Estrada, em fé e com fé, assim como me foi ensinado pela Mater, Matriarca, Mente-Mantea-Mãe amada. Salve. E voe em encontro dos seus tantos sonhos além-mundo mandado. Tem o infinito, mãe minha. E minha infinita saudosa e amorosa memória.

Obrigado pelo privilégio de ser filho seu, cria sua. Com tanta Bravura. Estradas e Estrelas são nosso lugar comum em amor e encantos de amar. Em aprendizados, tantos ainda! "Amar enche a vida", escutei mais baixo do que gostaria, mas, guardei. Amo a senhora. Para sempre. E sigo como sempre me pediu: caminhando em passos curtos e ritmados, retumbados, encantados. E evoluindo: "Peça bença e faça das Virtudes seus Guias; são as Guias de maior força para caminhar. É Magia".

Somos da mesma constelação, e minha memória sempre vai admirar a sua Estrela brilhando. E que as Estradas e o Caminhar, em tantos planos e ideias, sejam como aqui: chão para aprender o quão mais for em transcendentalidade. Ser aluno e ao mesmo ensinar é a dádiva divina e encantada dos nossos espíritos também encantados. É encantaria, é uma saudade, uma memória, uma estrada que há de se encontrar ainda. É seu todo universal. Uma vez mais, com amor à eternidade que você apreendeu precocemente: obrigado por tudo que de conhecimento foi deixado. Sua estrada inspira e a estrela é sempre guia. "Con amor, para mi mamá un regalo poético cósmico". Gracias.

HOMENAGEM DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS BRASÍLIA

Nós, do Sindicato dos Bancários de Brasília, lamentamos a partida de nossa companheira de lutas e conselheira da Revista Xapuri, Iêda Vilas-Bôas, em 8 de abril de 2022.

Ao tempo em que expressamos nossos sentimentos à família, a amizades e militantes da luta socioambiental, em sua homenagem publicamos este lindo texto, da autoria de Iêda, porque é aqui, neste pedaço de chão cerratense que, como ela mesma escreveu, seu espírito mora.

Iêda Vilas-Bôas: Presente!

Kleytton Morais - Presidente do Sindicato dos Bancários.

SOU CHÃO, SOU TERRA, SOU CERRATENSE

Iêda Vilas-Bôas

Há beleza em nossa savana? O que me diz você? O Cerrado é belo para você? Posso dizer, a partir da mirada de meus míopes olhos que o Cerrado é o lugar mais lindo do mundo, mas há que se ter sensibilidade para perceber suas minúcias.

O Cerrado vai se mostrando aos poucos. Não possui a exuberância das florestas tropicais, nem o apelo das paisagens beira-mar. Ele vai se mostrando, como nosso povo goiano, em pequenas saliências.

Qual de vocês já se debruçou sobre uma Caliandra, que em seu festivo carmim espraia alegria e vermelhidão por entre a vegetação coberta de pó? Qual de vocês já se deitou debaixo de um pé de sucupira florido e não cismou amores? A cor roxa de suas flores traz reminiscências... a Paixão de Cristo, a sua paixão, a minha, a de todos nós... Porque ser Cerratense é, sobretudo, ser apaixonado.

Qual de vocês não gastou tempo observando as proezas do urubu-rei e do caracará? E ver, ali, que a cadeia alimentar e a luta pelo seu topo recomeçam, instantaneamente, ao primeiro brilho do sol?

Para mim, ser Cerratense e falar de leituras, literatura e cultura que valorizam minha região me traz um enorme sentimento de pertencimento ao meu chão.

Sim, sou chão. Sou deste chão sarobento, cheio de toá, chão amarelo, chão poeirento. Sou chão, sou terra, sou Cerratense. Deste espaço geográfico amplio minha visão para múltiplos mundos e possibilidades, mas volto. Sempre!

É aqui que meu espírito mora. Talvez amarrado num pé de pequi carregadinho de bagos. Ou anda meu espírito preso pelas cagaiteiras, nos pés de mangaba, pelos jatobás, ou simples que seja preso nas ramadas das quaresmeiras em flor.

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) – Escritora Cerratense. Excerto do texto "A Literatura como forma de manutenção dos referenciais da Cultura Cerratense", publicado originalmente no Portal Cerratense: http://cerratense.com.br/.

QUERIDA MOÇA DE FORMOSA

Marcos Jorge Dias

Na manhã ensolarada deste 9 de abril, em que os bem-te-vis saltitam nas palhas dos coqueiros que o vento balança, as borboletas amarelas, exaltadas na poesia de Cora que você ainda ontem me enviou, namoram as flores do pé de maracujá enramado na cerca e o gato pachorrento se espreguiça ao sol no caramanchão do *Bougainville*, recebo a notícia do seu encantamento.

O primeiro sentimento que me veio foi de raiva. Sim, uma raiva egoísta.

Não ouvir sua risada sonora ecoando nas terras do bem-querer; não ver seu olhar brilhante, reflexo dos cristais do chapadão do Goiás e sua voz de cotovia a contar causos e histórias que nos assombravam ou faziam rir, me doeu no peito. Moça formosa de Formosa, não devias ter partido assim, nos deixando essas ausências.

Chorei. Mesmo sendo o poeta acreano de sua preferência, como você costumava me dizer, não sou homem de me dar ao choro em abundância, mas dessa vez eu chorei. Os açoites da vida me curtiram o couro das costas e tudo que posso dizer nesse momento, passada a raiva egoísta, é que entendo sua coragem.

Seu período de prisão no casulo do corpo acabou. Agora você é borboleta cósmica, pó de estrelas, anjo no céu dos poetas. Então... o que dizer? Até breve! No momento certo nos encontraremos, nas rodas de poetas, nas areias à beira-mar, nas manhãs ensolaradas de poesias, em um abril de qualquer tempo.

AUSÊNCIA

Rejane Araújo

a ausência não viu
meus cabelos brancos
as rugas que o espelho revelou
não viu esse frio que forjei
no mesmo fogo
em que é forjado o tempo
em que são forjados – os relógios –
no lento bater das horas.

LAROYÊ, TIEDA!

Sabrina Silva Faleiro

Fui criada entre livros, versos e rimas... Desde sempre aprendi o valor dos estudos, porém, contudo... A simplicidade e a solidariedade foram valores que sempre vi presentes na minha família, em especial entre as "Marias"...

Hoje quero homenagear uma delas, a que não se encontra mais entre nós fisicamente, mas que ainda vive e viverá em minha alma... A caçula das Marias, de beleza rara, personalidade forte, fala imponente, a que me mostrou a sua melhor versão... Sua essência transcende além dessa vida...

A você, minha Tieda, amiga, confidente... pra sempre guardarei cada conversa descontraída, sorrisos soltos e cada confidência trocada entre lágrimas e palavras de conforto e lealdade. Fica a dor, a saudade, mas com certeza também ficam as boas lembranças peculiarmente vividas por nós duas.

Você foi uma de minhas melhores pessoas. Peço a sua benção. Segue daí me dando forças... Laroyê, Tieda!

DIZEM POR AÍ:
IÊDA FOI PLANTAR ÁRVORES NO CÉU

Antonio Victor

Ela era uma criatura das letras.
Desde os mais primevos letramentos
à culminância da palavra acadêmica.
Não conhecia meios termos,
meias palavras
ou meias bocas.
Era menos oito ou mais que oitenta.
A menina ingênua. A mulher-intelecto.
A fêmea aguerrida. A frágil mãe.
O fundo do poço. O cavalgar das estrelas.
Conheceu o inferno. O seu inferno interior
que sempre lhe queimou o peito, revolveu entranhas,
insultou cicatrizes.
Mas também sabia inventar pedacinhos de céu,
retalhos de paraíso e pequenos oásis
em terras áridas e imensos desertos.
A filha da dona Odete e do seu Vico
não mandava recados.
Ia pessoalmente e resolvia a parada
tivesse o peso que tivesse.
Defendeu as mulheres, os povos das florestas,
os sem-vozes, os sem-rostos, os sem-nomes,
os oprimidos, a natureza.
Fundou academias e fundou a mão
na cara da sociedade hipócrita e corrompida
todas as vezes em que se sentiu aviltada.
Escreveu livros, declamou poemas, bebeu cerveja
e bebeu canções ao violão
em tantas noites de sagradas boemias.
Num momento de descompensação
– que ninguém é de ferro –
Iêda abandonou seu inferno,
sobrevoou Goiás,
deu um rasante no quintal de Cora Coralina,
desapareceu na imensidão e, dizem por aí:
Que foi plantar árvores no céu!

ADELINA CHARUTEIRA

Iêda Vilas-Bôas

Perda irreparável
Ylna Opa

Minhas vibrações de amor e empatia estão no coração de vocês, família minha.
Michelle Queiroz

Maranhão. São Luís, final do século XVIII para início do século XIX. Casarão grande e abastado, a frente forrada por azulejos portugueses, azuis e brancos. Casarão com primeira entrada, pórtico, sala da frente, sala do meio, escritório e mais para o fundo... o inferno suarento e penoso da escravidão.

As esteiras no chão, os panos encardidos, o mofo do porão. E "aiai" meus deuses, se houvesse reclamação: a chibata fazia desenhos geométricos nas peles negras e luzidias dos rebeldes.

Ali morava um rico senhor, como outros tantos da capital. Roupa de linho casimira branco, chapéu panamá, bengala bem trabalhada em chifre de rinoceronte, que mostrava com orgulho e a poucos deixava que manuseassem. Cabo lavrado com capricho. Uma belezura!

Esse senhor tinha sua esposa, filhos, propriedades. Um verdadeiro "cidadão de bem" ... mas também era dono e senhor, senhor e dono de uma escrava muito bonita, que comprara não somente para o serviço, mas para aplacar sua luxúria. Compra feita e paga. Pela rua estreita e de pedras caminhava o senhor na frente, seguido pela linda negra que tinha por apelido "Boca-da-Noite". Orgulhoso de si, o senhor e dono da negra mal esperaria a boca-da-noite para tomar seu corpo, sua alma e coração.

Pois assim se deu, o dono e senhor ficou apaixonado por "Boca-da-Noite", cujo nome verdadeiro era Josepha Tereza da Silva, e não demorou para que a barriga dela saltasse do cós da apertada saia de juta. Mas "Boca-da-Noite", aproveitando que seu dono não possuía filha, tratou de garantir, ainda que verbalmente, que a filha tivesse regalias.

Chegado o tempo certo, Adelina surgiu ao mundo num choro comprido e alto. Todos diziam da menina: "Essa aí, bocuda como é, ninguém vai lhe fazer de besta".

Assim como sua mãe, era escrava. Mas logo a mãe conseguiu do seu senhor a promessa de que alforriasse a menina quando ela completasse 17 anos; essa promessa nunca foi cumprida, Adelina continuou sendo escrava de seu próprio pai. Entretanto, teve a regalia de aprender, com o pai, a ler e escrever, o que era incomum.

Os tempos e a economia mudaram, e o pai de Adelina empobreceu. O homem enquanto rico comerciante vivia de lucros da compra e venda de charutos e fumo, em geral. Sendo assim, passou ele mesmo a fabricar os charutos, e Adelina, pela esperteza e pelo dom da oratória e de convencimento, passou a ser a encarregada das vendas.

Adelina se arrumava com capricho e com o mesmo capricho ajeitava a cesta de charutos e seguia passeando pelas ruas da cidade, parando de bar em bar, conversando com todos os transeuntes, principalmente conversando com os estudantes do Liceu, que eram seus clientes, oferecendo e vendendo seus charutos. A bela moça Adelina conquistou a liberdade de ir e vir. Em São Luís não existia um só recanto que não conhecesse e todos também a conheciam.

Com essa liberdade de movimentos por grande parte das ruas e com a cabeça fervendo pela sua tomada de consciência de vida escrava, Adelina aproveitou para se engajar em prol da libertação dos escravos. Com sua latente audácia e sabedoria, passou a ajudar uma associação de estudantes conhecida como *Clube dos Mortos,* que possibilitava a libertação dos escravos, pela compra de alforrias ou, mais comumente, cuidando de sua fuga.

O Largo do Carmo era sua rota preferida. Ali, com ouvidos atentos e olhar apreensivo, ela assistia aos comícios abolicionistas promovidos pelos estudantes. Tanta coisa ela ouvia e imediatamente identificava com sua vida, com a vida de sua mãe, com a vida da mãe de sua mãe e do seu povo negro.

Adelina já não demorava mais na rua ou nos bares, terminava sua tarefa com avidez para parar no Largo do Carmo. E assim ela passou a ser uma frequentadora assídua de manifestações em prol da abolição da escravatura. Adelina, a vendedora de charutos, não levantava suspeita sobre si.

O conhecimento de Adelina sobre as ruas da cidade, sua facilidade de transitar por elas e sua rede de relações conquistada através da venda de charutos foram um trunfo para a luta abolicionista. Adelina tornou-se fiel informante da causa libertária. Ela informava aos ativistas quais ações estavam previstas pela polícia.

Também articulava fugas de escravos. Adelina Charuteira foi uma mulher que se envolveu diretamente em algumas fugas, entre elas, a da negra Esperança, que fugiu para o Ceará. Conhecedora dos meandros da cidade de São Luís, foi peça importante nos esquemas de fuga de escravos arquitetados pelas lideranças abolicionistas.

Adelina é um nome pouco conhecido mesmo dentro da luta abolicionista, mas seu papel e atuação foram imprescindíveis para que muitos escravos fossem libertos e livres da morte. Conta-se que Adelina também gostava de fumar, sem tragar, o charuto. E fazia tal ação todas as vezes que tinha uma boa informação para os estudantes maranhenses do Liceu. Esta era sua senha e era bem compreendida pelos estudantes revolucionários.

Adelina Charuteira é mais uma mulher negra que lutou contra a escravidão. Conseguiu envolver muitos negros escravos contando sobre os comícios assistidos por ela e muitos destes escravos deram guarida e comida aos fugitivos. Por sua audácia, esperteza e consciência de classe, deixo para Adelina um reverberado: SALVE!

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) – Durante quase oito anos, Iêda publicou textos excepcionais de mulheres libertárias, quase sempre apagadas da História Brasileira, na coluna Universo Feminino da Revista Xapuri (www.xpauri.info). Para homenageá-la, escolhemos Adelina Charuteira, uma das que ela mais amava.

Pintura: Hebe Fagundes

HOMENAGEM DO CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA

QUE O DIVINO ESPÍRITO SANTO VOE AO SEU LADO, SEM LIMITES PARA VIVER E SONHAR

Iêda Vilas-Bôas

Queremos fazer mais: difundir a cultura Cerratense por todo nosso país, pela América Latina e pelo mundo. Quiçá tenhamos fôlego e apoio nessa empreitada. Contudo, não podemos esmorecer, contamos com a força dos "Creio nos jovens, abrindo espaços largos na vida".

Iêda Vilas-Bôas

A vida é uma folha de papel em branco onde cada um escreve a sua própria história. Cada um escreve como quiser, de lápis ou caneta, com verdades ou mentiras, com histórias ou estórias, de forma culta, empírica ou, apenas, linguística.

Iêda viveu o amor, a verdade, tatuou na sua história o brilho que exalava de inteligência. Era uma dessas pessoas iluminadas, que estava fisicamente no presente, mas conhecia como poucos o passado, e o considerava em seus ensinamentos, mas com ideias do futuro.

Enxergava com a simplicidade do dia a dia o que ninguém mais conseguia observar. Possuía uma espiritualidade aflorada, uma sensibilidade incomum, capaz de ouvir os gritos silenciosos das árvores e os cantos mais belos de aves selvagens, tanto que vivia entre palácios e florestas, entre imortais e analfabetos com o mesmo sorriso.

Iêda carregava em si a sabedoria, a garra e a simplicidade dos índios, da mãe natureza, de onde ela herdou a paz, a mansidão que aflorava nas palavras, versos e poesia. Lutava com unhas e dentes para defender o meio ambiente, sem descuidar da ternura jamais.

Dizem os sábios que o os gênios são mal compreendidos, e ela é prova disso, com o pensamento de vanguarda, sempre à frente do seu tempo, mas nunca perdendo a oportunidade de aprender e ensinar em um dedinho de prosa durante um cafezinho.

Em sua última viagem terrena, deixou um legado de conhecimento e ensinamentos que nenhuma amordaça seria capaz de calar seu pensamento, assim, como nenhum grilhão será capaz de parar sua caminhada rumo ao infinito.

É, Iêda, saudade, a cultura formosense, goiana, brasileira, está órfã. Que o Divino Espírito Santo voe ao seu lado, sem limites para viver e sonhar.

Homenagem do Conselho Municipal de Cultura – Texto escrito por Maurício Marques de Figuerêdo e enviado por Pâmella Miranda.

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) – Escritora Cerratense. Iêda lutou bravamente em defesa das mongubas da Praça Imaculada Conceição em Formosa, Goiás. A luta de Iêda permanece, as árvores continuam correndo o risco de serem

MEU DIVINO, MEÚ DIVININHO, CUIDA DAS MONGUBAS POR MIM!

Iêda Vilas-Boâs

Mesmo distante, temos vocês nos nossos corações.
Helena, Marilda e Ruth Tanus

"...Uma contribuição longeva ao habitat e ao meio ambiente para além do seu tempo..." escreveu José Martí. Iêda, você fez isso, depois decidiu que chegou a hora, foi sua escolha. E em nós ficaram as lembranças e as memórias, o amor por ti. Esquecer de ti? Impossível! Uma poeta nunca morre!
Magno Lara

Iêda, por você: seguir sonhando, seguir lutando!
Fátima Safadi

Vivemos no Cerrado, somos parte desse solo seco, envolto em uma nuvem areienta, que chega com os ventos campineiros de agosto e só cede lugar à chuva fininha, chuva do caju, em meados de setembro. Depois, caem os céus em pancadas. A chuvarada maneira, de setembro, vem para abrir alas às chuvas torrenciais de nosso Cerrado.

Chuvas que são temporãs, que caem na cabeceira dos rios e vão se avolumando. Sem medo de nada. Descem correnteza abaixo de goela aberta, engolindo, arrastando e depois vomitando turbilhões a nos lembrar de sua força e a nos dizer, estrondosamente, que a água é força elementar da natureza, poder vital e necessário.

Por vezes, as águas dos rios traquinam, ou serão traquinagens dos habitantes dessas águas traquinas? Água não segue lei, revira, remexe, serpenteia e sai lá adiante. Vai bebendo em sua sede insaciável barrancos, galhos, casas, gentes.

Muitos já viraram também água. Fugiram às regras e não voltaram ao pó bíblico. Viraram água corrente, água bruta, para depois se transformar em calmaria de biquinha, de olho d'água no meio do Cerrado. Foi assim com o Zé, com a mulher e seus dois netos, também com os muitos jovens ousados e destemidos do ruído e da fúria da água. Todos se embrenharam, para nunca mais sair, neste redemoinho.

Em nosso Cerrado encontram-se as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Amazônica com Tocantins, São Francisco e Prata). Água não nos falta e não nos faltará se mantivermos uma cooperação consciente, coesa e justa com o meio ambiente e sua biodiversidade.

Entretanto, não basta somente reproduzir o velho jargão: Preservar é preciso! Não basta nos escondermos por detrás de um discurso politicamente correto. É preciso agir. Fazer mais! Pergunto a vocês: O que temos feito pelo patrimônio ambiental, cultural e histórico de nosso Cerrado? De nossa Formosa?

Temos um exemplo latente e atual: o caso das Árvores da Praça da Matriz, que não são árvores nativas em nossa região. O Cerrado acolhe quem o escolhe! São nativas do México, América Central e Antilhas, comuns no Maranhão e principalmente na região Amazônica, mas tão bem se acostumaram aqui que (ainda) estão de pé, mas uma hora vão cair.

Nosso adversário é muito forte. A igreja poucas vezes perdeu uma batalha; para comprovar, miremos o passado e façamos uma retrospectiva pela história.

Essas árvores vão cair e eu, que sou sentimento, cultura e poesia vou chorar lágrimas enegrecidas pela poluição e pelo ar rarefeito que nos cercará dali em diante. Seremos sufocados, esmoídos pelo concreto da praça. Onde está a voz do poeta que nos impingia a ocupar as praças?

– "A praça é do povo, como é céu é do condor"!

Não aqui, poeta! Essa praça tem donos e são poderosos! O povo nem quer saber dela, e as raízes dessas árvores, quase centenárias, atrapalham o caminhar desgracioso das *socialites* falidas e descompromissadas com o Cerrado e sua cultura. E, ainda, poeta, existem os que dela querem obter lucros. Como se não lhes fossem bastantes a sombra frondosa e o ar puro.

Em minha fé, clamo: Meu Divino, meu Divininho, cuida das Mongubas por mim! Proteja-as da ganância e das futilidades. Envia um anjo bom para podar seus galhos e dar-lhes adubo e bom trato.

NATURIEDA

Leila Elias

Convivi pouco com a Iêda. Mas foi intenso. Eu a sentia como uma tempestade. Daquelas tempestades que trazem imenso vento e águas fortes. Que nem parece que irá remexer nada demais, mas tira tudo do lugar.

Eu a via como uma tempestade gostosa de assistir e de sentir o seu vigor até onde o corpo aguentava a ventania e a água que o surrava. Aquela tempestade que nos diz que a natureza está viva e quem tem vontade própria.

Era uma delícia ver os arroubos da natureza da Iêda. A tempestade que remexe tudo, entorna a água e faz as sementes voarem. Tempestade que faz a gente parar e admirar. Não se detém a força dos fenômenos e ninguém controla onde a natureza deixa suas sementes.

Respira! O vento cessa. A chuva passa. O céu se abre. E as sementes irão despertar em outra paragem. É a naturIeda.

MEUS SINCEROS SENTIMENTOS

Caroline Marques

Meus sinceros sentimentos! Que Deus dê muita força e conforte o coração de toda a família! Tive o grande prazer de conhecê-la, conversar muitas vezes e tínhamos um projeto para agora. Vocês, mulheres da família, brilhantes, cheias de tanto conhecimento e sabedoria, saibam que sou grande admiradora de todas vocês.

TE VEJO VESTIDA DE JACARÉ

Vinícius Resende

Você se foi, tia. Sem um adeus, sem um último abraço, uma última risada... Ainda te ouço, falando da sua Gucci, te vejo vestida de jacaré, contando suas histórias...

Sua vida não foi das mais fáceis, mas isso nunca te impediu de arrancar risadas de quem estivesse perto. Você foi irreverente, poetisa, artista, maluca...

Me apego aos bons momentos, e foram muitos, e me sinto leve.

Há um sentimento de tristeza muito grande, você já está fazendo falta, porém as boas memórias me ajudam nesse momento.

Sei que a tristeza logo se tornará saudade, uma saudade cheia de boas lembranças, de gargalhadas dos seus causos, das suas vivências, do mais puro sentimento, e a certeza de como foi bela sua passagem.

Amo você, tia. Até algum dia...

JORNADA ENCANTADA

Eduardo Pereira

Você foi e é, em algum plano deste universo misterioso, uma pessoa tão singela e fantástica como as histórias que você narrava como uma extraordinária contadora de causos.

Em sua breve vida neste planeta, você contagiou inúmeras pessoas com seu sorriso largo e seu carisma único. Do mesmo jeito que você era uma pessoa com um dom extraordinário para lidar com as palavras, você vivia sua vida sem papas na língua. Você era assim, Tieda, de uma coragem especial, brava e refrescante!

É uma pena que você, essa minha tia tão encantadora, tenha ido embora tão cedo, logo você que era tão plena de paixões e ainda tinha tanto para explorar aqui nesta terra...

Eu tenho fé, Tieda, de que você agora esteja em paz, continuando sua jornada encantada em algum lugar muito sereno, cheiro de bichos e flores, entre os mistérios do infinito.

Você deixa muitas saudades em mim e em todo mundo que teve o privilégio e a honra de conviver com você e de ter o seu amor.

SOMOS CERRADO!

Iêda Vilas-Bôas

Muito triste.
Heli Dourado

Como eu amava falar com você! Meu exemplo de força e de luta. Vamos ficar aqui, com saudades e fazendo valer cada manifesto seu para manter acesa a chama da sororidade, da liberdade, da igualdade, e tantas bandeiras que você erguia com tanto orgulho!
Kelly Correa

Mais uma estrela no céu!
Samira Rossi Bichara

Somos Cerrado! Trazemos impregnados em nós um suor poeirento, de terra saroba. Expressão utilizada para dizer que temos uma cor de encardidos. Graças a Deus! Cor pura da miscigenação brasileira. Somos de um amarelado, quase cinzento.

O Cerrado possui a beleza de Eros. Segundo Pierre Brunel, analisemos Eros como "deus primordial, que resulta na amplitude de seu poder, que se estende não apenas aos deuses e aos homens, mas aos elementos e à própria natureza. Eros é força fecundadora do universo, está ligado à vegetação, cuja renovação primaveril coincide com a estação dos amores".

Esse é o Eros que nos interessa: o princípio da vida. Eros é belo, desperta desejos, mas é filho de Gaia, a própria Terra, e rola no chão e cobre-se de folhas e de poeira, brinca como criança. É terra, é chão. Também o somos, nós seres cerratenses.

Acerca do mito de Eros nos diz Brunel: (...) a criança Cupido aparece sempre pobre, não é delicado e belo como geralmente se crê; mas sujo, hirsuto, descalço, sem teto.

Deita-se sempre por terra e não possui nada para cobrir-se, descansa dormindo ao ar livre sob as estrelas, nos caminhos e junto às portas. Enfim, mostra claramente a natureza da sua mãe, andando sempre acompanhado da pobreza. Eros, dessa forma, é a personificação da própria natureza.

À primeira vista, nosso Cerrado exala aos que não pertencem a este solo, uma desconfiança lerda. Uma desconfiança sem motivo, ou melhor, motivada pelos preconceitos históricos que se arraigaram séculos afora.

Façamos algumas reflexões: não quiseram conquistar-nos desde o início? Não viram nossas imensas riquezas? O preconceito nasce atrelado ao desconhecimento e, ainda bem, tem muitos sábios modernos que pensam que em nosso Cerrado tem onças.

E de fato tem. Vejo inúmeras na plateia. Onças bravias na defesa de seus direitos, de suas crias, de seu espaço. No Cerrado tem... onças, bruxas, duendes, segredos. Que só se desvendam aos que se despirem de outros lugares, costumes, tradições e se tornarem um SER CERRATENSE.

Iêda Vilas-Bôas (1963-2022) – Escritora Cerratense.

TODAS AS VIDAS

Cora Coralina

VIVE DENTRO DE MIM
UMA CABOCLA VELHA
DE MAU-OLHADO,
ACOCORADA AO PÉ DO BORRALHO,
OLHANDO PRA O FOGO.
BENZE QUEBRANTO.
BOTA FEITI O...
OGUM. ORIXÁ.
MACUMBA, TERREIRO.
OGÃ, PAI-DE-SANTO...

VIVE DENTRO DE MIM
A LAVADEIRA DO RIO VERMELHO.
SEU CHEIRO GOSTOSO
D´ÁGUA E SABÃO.
RODILHA DE PANO.
TROUXA DE ROUPA,
PEDRA DE ANIL.
SUA COROA VERDE DE SÃO-CAETANO.

VIVE DENTRO DE MIM
A MULHER COZINHEIRA.
PIMENTA E CEBOLA.
QUITUTE BEM FEITO.
PANELA DE BARRO.
TAIPA DE LENHA.
COZINHA ANTIGA
TODA PRETINHA.
BEM CACHEADA DE PICUMÃ.
PEDRA PONTUDA.
CUMBUCO DE COCO.
PISANDO ALHO-SAL.

VIVE DENTRO DE MIM
A MULHER DO POVO.
BEM PROLETÁRIA.
BEM LINGUARUDA,
DESABUSADA, SEM PRECONCEITOS,
DE CASCA-GROSSA,
DE CHINELINHA,
E FILHARADA.

VIVE DENTRO DE MIM
A MULHER ROCEIRA.
— ENXERTO DA TERRA,
MEIO CASMURRA.
TRABALHADEIRA.
MADRUGADEIRA.
ANALFABETA.
DE PÉ NO CHÃO.
BEM PARIDEIRA.
BEM CRIADEIRA.
SEUS DOZE FILHOS,
SEUS VINTE NETOS.

VIVE DENTRO DE MIM
A MULHER DA VIDA.
MINHA IRMÃZINHA...
TÃO DESPREZADA,
TÃO MURMURADA...
FINGINDO ALEGRE SEU TRISTE FADO.

TODAS AS VIDAS DENTRO DE MIM:
NA MINHA VIDA —
A VIDA MERA DAS OBSCURAS.

Nota da Redação: Poema preferido de **Iêda Vilas-Bôas (1963–2022)**. Em *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. Global Editora, 1983 – São Paulo.

HOMENAGEM DA ALANEG

IÊDA VILAS-BÔAS: A BORBOLETA AMARELA DO CERRADO

Laurenice Noleto Alves

Não!!!!!!!!!!!!!!!
Não!!!!!!!!!!!!!!!
Não!!!!!!!!!!!!!!!

Perdoem-me os ouvidos mais sensíveis e desavisados! Mas eu precisava dar esse grito de revolta, dor, indignação e de total repúdio, antes mesmo de falar da beleza e leveza do voo de uma borboleta amarela fugindo das labaredas de fogo que lhe queimavam as asas, enquanto gritava em poema:

"Fogo-apagou!
Fogo-apagou!
Fogo-apagou!"

Sentindo-me extremamente honrada e emocionada, falo hoje, aqui, em nome das minhas muito queridas e respeitadas confreiras e de meus confrades da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano – Alaneg –, entidade sonhada e construída pela professora, doutora em Educação, poeta, pesquisadora dos saberes populares e gigante defensora dos direitos de todos os seres viventes, Iêda Vilas-Bôas Guarani-Kaiowá, sua eterna e verdadeiramente Imortal Presidenta!

Quis com os meus gritos, neste momento, representar todos os gritos não gritados, os choros não chorados, a "vergonha alheia", como diz o nosso povo cerratense, pelas vaias covardemente orquestradas contra a Presidenta da nossa Alaneg, na Casa do Povo, em solenidade que ela mesma havia solicitado, dando continuidade, em nome da Alaneg, a uma ferrenha campanha em defesa da não derrubada das seculares árvores da Praça Imaculada Conceição, aqui na cidade de Formosa, a terra em que foi criada e da qual tanto se orgulhava, ao ponto chamá-la de "minha cidade"!

E precisaríamos gritar ainda muitas vezes Não! Não, Não! Para exorcizarmos da história daquela borboleta amarela do Cerrado,

Você é maior, infinitamente
maior do que o seu encantamento.
Você jamais vai morrer.
Você só vai ficar encantada.
Robson Eleutério

Formosa, Goiás, esse Brasil triste do momento: eu e sem dúvida todas e todos da ALANEG, tudo em volta reconhece que ela nos faz falta...
Que Deus a tenha recebido e que ela esteja em paz!
Lourdes Teodoro

Uma perda imensa!
Ela e eu trabalhamos recentemente no novo livro da Chapada...
Otoniel Fernandes

Muita tristeza na Alaneg, muita tristeza no nosso coração.
Maria Zeneide Carneiro

esse triste momento que lhe feriu a alma, mudando o rumo e o tamanho do seu voo. A nossa querida borboleta amarela do Cerrado não completou o seu ciclo natural de vida, como o fazem as borboletas Monarcas, que em bandos de milhões, voam milhares de quilômetros para o descanso final.

Os gritos e xingamentos de "doida", "maluca", proferidos contra a nossa tão respeitada Presidenta da Alaneg, em praça pública, em púlpitos de igrejas e aqui mesmo, neste recinto, impregnaram de dor a alma frágil daquela borboleta do Cerrado que tinha o nome oficial de Iêda Maria Vilas-Bôas Pereira da Silva; era a Mestra em Literatura pela Universidade de Brasília e Doutora em Educação, pela Universidad Enrique Gusmán e Valle, em Huancayo, no Peru; poeta e guerreira valente!

Nascida em 17 de outubro de 1963, em Campina Verde, Minas Gerais, há muitos anos – desde que a conheci, nem sei quanto tempo –, Iêda já havia reduzido sua assinatura e adotando o nome artístico de Iêda Vilas-Bôas, em memória e honra também de uma outra mulher poeta e doceira, da qual foi uma grande estudiosa e apaixonada – a nossa hoje tão respeitada Cora Coralina, que em seu tempo de mocidade também havia fugido da hipocrisia de sua terra natal, a bucólica Vila Boa de Goiás, onde fora xingada e "desonrada" por ruas, becos e praças.

Iêda escreveu em biografia *"A história de Aninha que virou Cora Coralina"*, obra também publicada em espanhol. E a poeta cerratense jamais poderia imaginar que um dia seria xingada e ridicularizada em praça pública, na sua terra natal, assim como Cora ainda não Coralina, mas Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que também, como uma borboleta, deixara o casulo e voara para longe, em busca da liberdade e de abrigo seguro, para viver o sonho de um amor proibido.

E, sempre em evolução, há cerca de 12 anos a professora Iêda Vilas-Bôas mais uma vez assumiu a postura fraternal, solidária e de guerreira que sempre foi: passou a assinar Iêda Vilas-Bôas Guarani-Kaiowá – uma representante das lutas dos povos indígenas e tradicionais do Brasil e, como uma borboleta cerratense que viaja pelos mais longínquos recantos, atravessando serras e pousando em vãos, levando a seiva do amor, da vida, ela se transformou numa embaixadora dos povos quilombolas que habitam em recônditos do nordeste Goiano, resistindo e lutando, valentemente, para preservar a tradição da sua cultura africana.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1921, a população quilombola estimada no Brasil era de 1.133.106 pessoas e 110 comunidades quilombolas em Goiás, reconhecidas com certidão. Cerca de 8 mil famílias de afrodescendentes vivem nos municípios de Teresina, Monte Alegre e Cavalcante, neste Nordeste Goiano, ou melhor, sobrevivem, devido à escassez de apoio governamental, que os deixa, muitas vezes, sem ter nem mesmo a "mistura" para juntar à farinha de mandioca que produzem para matar a fome. Iêda os conhecia, chamava-os pelo nome, sabia de suas fomes, lutas, sonhos, e também das suas danças, cantorias, de seus momentos de festanças e alegrias.

Sobre os Guarani-Kaiowá, estudos da Fundação Nacional dos Índios, realizados ainda 2008, informavam que o estado de Mato Grosso do Sul possuía àquela época a segunda maior nação indígena do Brasil, com 66.963 índios. E, destes, cerca de dois terços – exatamente 40.245 – eram Guarani-Kaiowá. E, ainda segundo a Funasa, naqueles últimos sete/oito anos de acompanhamento, haviam ocorrido 410 suicídios nessa nação.

A invasão das terras indígenas pela ganância de uma produção pecuária e agrícola mais barata e em maior escala; a exploração dos garimpos ilegais e a imposição de costumes religiosos alheios aos seus hábitos milenares, segundo grandes estudiosos do comportamento humano, estavam fazendo com que os jovens indígenas daquela Nação Guarani-Kaiowá deixassem de esperançar e, com uma corda pendurada numa árvore e no seu pescoço, colocassem fim nos seus futuros.

Iêda Vilas-Bôas não aceitava essa trágica consequência da irresponsabilidade da adoção de uma política governamental historicamente errônea e, ultimamente cada dia mais desumana e até mesmo genocida. Usando os instrumentos do avanço da tecnologia, ela fortaleceu campanha nacional pela salvação dessa juventude indígena e, novamente, mudou o seu sobrenome, acrescentando-lhe, então, o nome dos resistentes povos indígenas brasileiros Guarani-Kaiowá.

Na recente Pandemia, Iêda Vilas-Bôas Guarani-Kaiowá arregaçou as mangas e bateu de porta em porta, buscando doações de livros, para depois levá-los pessoalmente às bibliotecas de Teresópolis, no Rio de Janeiro, cidade que drasticamente havia sido invadida pelas águas. E, sempre ligada nas graves situações sociais por que passa o nosso país, a professora-doutora-poeta e pesquisadora recentemente fez campanhas por doações e atendimentos aos moradores quilombolas dos grotões do nordeste goiano que também estavam desabrigados pelas chuvas.

Mas, continuadamente, entre uma ação social e outra, Iêda produzia cultura, educação, literatura. Fez música sobre o Cerrado – "No Cerrado tem!"; na revista "Xapuri" – de produção independente e voltada para divulgar as lutas e as culturas dos povos tradicionais do Brasil –, em parceria com sua irmã Maria José Weiss – nossa querida Zezé –, Iêda escrevia textos maravilhosos, poemas, produzia "lives" e tudo quanto era campanha que pudesse ajudar os nossos

povos originais a sobreviverem com dignidade e felicidade.

E Iêda Vilas-Bôas Guarani Kaiowá foi sempre a mulher que, brava e heroicamente, lutou contra o movimento negacionista, obscurantista e genocida dos que rejeitavam e ainda rejeitam o conhecimento da Ciência, fazendo escárnio da dor de milhões e milhões de seres humanos, viventes e sedentos de lideranças políticas e religiosas que verdadeiramente sejam representativas das necessidades da humanidade.

A Presidenta da Alaneg jamais se acomodou ou se acovardou debaixo de batinas, togas ou da pelerine cor de vinho, em que orgulhosamente ostentava mais de uma dezena de medalhas e distintivos que merecidamente recebera enquanto semeadora de educação e cultura.

Difícil falar de Iêda sem engasgar, sem chorar.

Mais fácil pode ser falar de Iêda cantarolando, até meio desafinada, mas somando sua voz à voz do artista – companheiro da cultura cerratense, Antônio Victor Dias Filho, na solenidade que varou o dia e acolheu a noite, no obelisco construído há cem anos, no alto do Morro do Centenário, marcando as intenções de transferência da Capital da República do Brasil para o Planalto Central, na vizinha Planaltina. Ali mesmo, onde Iêda praticamente deu início à sua história de amor à educação, à cultura, à literatura, à história, à natureza e às suas gentes.

O vento sacudia sua roupa longa e avermelhada, enquanto segurava o chapéu que gostava de usar, para se proteger – e, claro, também para se enfeitar e se amar no espelho. Mulher bonita, inteligente, empoderada, respeitada, amada... Iêda foi também invejada! Sim... Tristemente invejada! Numa poesia recentemente escrita, com o nome "Se Curar", a borboleta amarela que voava por veredas dos nossos Gerais, escreveu: "Tem homens e mulheres que não se curam. Foram e serão, sempre, ervas daninhas!".

As borboletas, segundo descreveu o biólogo Dessuy e Morais, em 2007, são utilizadas como ferramentas na biologia da conservação por responderem rapidamente às variações ambientais. "Sua presença pode indicar uma continuidade de sistemas frágeis e comunidades ricas em espécies, e sua ausência indica uma perturbação, fragmentação ou um envenenamento que altera a integridade dos sistemas e da paisagem. Isso acontece porque elas são especialistas em recursos específicos e possuem fidelidade de *micro-habitat*".

E, como uma borboleta que viu sua integridade física, mental, artística e laboral sendo brutalmente agredida, nas últimas horas do dia 8 de abril de 2022, nossa querida confreira e presidenta da Alaneg, Iêda Vilas-Boas Guarani Kaiowá partiu e se encantou! Vai viver sempre na nossa memória e no registro da história da literatura e das artes do seu amado Sertão Cerratense.

Iêda? Presente!

Iêda? Presente!

Iêda? Presente!

SOU CERRATENSE

Iêda Vilas-Bôas

OLHOS AMARELOS
PELE AMARELA
(DA COR DA TERRA)
QUEIMADA DO SOL
DO MEU CERRADO
HABITA EM MIM
UM SER PRIMITIVO
LOBEIRA, ESPINHOS
ÁGUA FRIA DE RIACHO
PIABA LIGEIRA
PIRAMBEIRA
DESPENHADEIROS.

VENTO DE AGOSTO
DESCENDO A CAMPINA
UIVANDO, BAILANDO
TRA ANDO MINHA SINA.
SOU BICHO ESQUISITO
CORUJA BURAQUEIRA
SOU TERRA
FORMIGA ESTRADEIRA
FÁTUO DE FOGO ASSOMBROSO
UM QUERER NÃO QUERIDO
DE QUE A NOITE PERSISTA.
SOU FESTA

SOU CHUVA
BEM-TE-VI NAS ALTURAS
EROS BRINCA COMIGO
E CACOA DE MIM
NA NOITE ESCURA
DEIXA SORRINDO
MALDOSO RECADO:
FOGO-APAGOU
FOGO-APAGOU
FOGO-APAGOU!

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) – Escritora Cerratense.

À PROFESSORA COM AMOR

Daniel Huamán

Corria o ano 2012 e eu fazia a minha primeira apresentação como relator no Congresso Latino-Americano de Compreensión Leitora "Jaime Cerrón Palomino", realizado em Riobamba, Equador, sendo nesse momento Ada Arrese presidente do Congresso.

Chegou o último dia e com isso o encerramento do evento. Enquanto cada grupo arrumava malas para retornar aos seus respectivos países; nesse mesmo dia fui convidado pelas minhas novas amigas Lourdes De Lima Rosa e Iêda Vilas-Bôas, da delegação brasileira, a realizar uma curta viagem até Quito, para conhecer a linha para o Equatorial.

Enquanto viajávamos no ônibus, Iêda pediu-me para lhe contar alguns dos meus contos matemáticos e eu fiz isso com entusiasmo. Ao chegar ao destino, Iêda disse-me: "Quero que vá como relator para o próximo Conlacol 2013, onde serei a presidente". Conhecedora da minha condição de professor de sala de aula, acrescentou: "Não se preocupe com despesas".

Então, um ano depois, viajei feliz para aquele país lindo e colorido, onde pude compartilhar minhas histórias e jogos matemáticos com alguns professores e muitas crianças brasileiras. Com efeito, nunca me devia preocupar com despesas, Iêda cumpriu. Alguns meses depois ela viria para o Peru e com muita alegria tentei retribuir uma pequena parte de tudo que ela fez por mim, lá no seu país.

Desde então, conheço essa mulher que, além de trabalhar incansavelmente em prol da cultura brasileira, andou por grande parte da América Latina compartilhando seus saberes com educadores e alunos de outros países. Sei que foi uma mãe amorosa, que vivia orgulhosa do seu povo e se importava com os amigos.

Por isso, imagino a dor imensa que terá causado em muitos a notícia da sua partida inesperada. Daqui, vão todos os meus sentimentos e afetos aos seus filhos e outros familiares, saibam que Iêda não será esquecida, pois enquanto houver alguém que a ame e lembre, ela viverá em cada uma das crianças e adultos que fez sorrir.

MINHA ETERNA PROFESSORA

Charles Feitosa de Souza

Vivemos um momento chato e triste para todos nós, no entanto, minha professora Iêda, na sua plenitude, no seu respeito pelo ser humano, tornou-se encantada pelo belo da natureza do Cerrado, ao qual ela tanto devotou seu carinho e carisma.

Nós que aqui ficamos, apesar do peso que estamos sentindo pela dor da despedida, tentaremos seguir felizes, sim, porque é isso que ela, como eterna professora, nos exige: que troquemos as lágrimas de sua partida pelos sorrisos que ela nos devotou... e continuemos firmes na labuta desta vida.

Depois dessa turbulência, lembraremos sempre dela em cada semblante indígena e em cada árvore imponente desse nosso Cerrado que ela tanto amou e poetizou. Em cada ipê de suas variadas cores, roxos, rosas, amarelos e brancos, seu espírito estará ali para sempre, misturado ao perfume das flores.

Todas as vezes que o vento vier forte pra balançar as folhas das árvores de Formosa, ah! Com certeza, o espírito de minha eterna professora estará pousado na copa delas, abraçando-as com suas asas para proteger suas ameaçadas existências.

Professora Iêda agora é a própria natureza, raízes, folhas e estrelas.

MEMÓRIAS ACADÊMICAS INESQUECÍVEIS

Bertha Rojas López

Um dia de junho de 2008, chegou à Universidade Nacional do Centro do Peru, a maior delegação da Escola de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB), sob a condução da Dra. Hilda Lontra, para participar do I o Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora – Jaime Cerrón Palomino (Conlacol – JCP), até hoje o maior e mais significativo Congresso, porque participaram intelectuais da América Latina, América Central e Europa.

Aquela foi a primeira vez em que nossa poetisa internacional, Iêda Vilas-Bôas pisou em Huancay. Sua exposição sobre estratégias de compreensão leitora, entregue em fotocópia aos participantes que solicitavam, foi uma das mais aplaudidas. Intelectual incansável, Iêda buscava sempre a superação acadêmica.

Foi nessa busca que se candidatou à pós-graduação, foi aceita e se doutorou em Ciências da Educação, na Universidade Nacional de Educação Enrique Guzmán y Valle, em Cantuta, no Peru.

Sempre ativa e batalhadora, Iêda esteve presente, plantando cultura, em vários países onde se levava a cabo o Conlacol – JCP. Levaremos você sempre em nossos corações, companheira Iêda. Daqui pra frente, você estará presente em todo Conlacol – JCP, querida Iêda!

TRISTEZA DESDE ECUADOR

Solange Freire

Uma mujer tan linda, tan joven, tan generosa... Se me hace muy difícil aceptar essa noticia. Tristeza desde Ecuador.

BEM FAZES FALTA, MESTRA IÊDA VILAS-BÔAS

Lourdes de Lima Rosa

Ah, Iêda querida! Por que te foste?

Precisávamos de ti, ainda tinhas muito a fazer: pensar, esperançar, construir, amar. Talvez tenha faltado uma presença, uma palavra, um afeto, um abraço, para que entendesses que deverias ficar. Foram tantos encontros: falas, contribuições, projetos, fazeres.

Querida Iêda, a ti uma lágrima, um verso, uma palavra, um agradecimento, um (en)Canto – uma saudade eterna. Tua vontade era criar, poder fazer mais, acreditar no "Ser" homem e no "Ser" mulher.

Estou triste, parece contraditório, mas também estou feliz porque fui, e sou, parte da tua caminhada, contigo muito aprendemos. Para nós, bem lançaste as sementes, foste uma dádiva que bem contribuiu para formação de projetos, persistência, lutas e ousadias de tantos e tantas – atributos tão necessários nos tempos atuais.

A ti, Mestra querida, agradecemos as contribuições da construção da LEITURA, da consciência política, do respeito ao outro, da alegria, do acreditar na mudança do "Ser" – do fazer poesia. Destacamos tua presença constante nos muitos Congressos que realizamos (ConLaCoL), em especial, o Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora – Jaime Cerrón Palomino, realizado pela UEG – Formosa-Go, do qual foste a Presidente.

Fizeste um acolhimento impecável a todos e todas que ali estiveram, digamos que construímos e compartilhamos um aprendizado ímpar. De diferentes formas, continuarás conosco, principalmente, por meio da palavra, do conhecimento, da POESIA – a arte do (en)Canto que nos possibilita sonhar, viver, "Ser", AMAR. Querida amiga, companheira de ideias e ideais, até algum dia.

IÊDA VILAS-BÔAS: ESCRITORA CERRATENSE

Arthur Wentz e Silva

Que nossos Ancestrais e a Divindade Superior a recebam em solo santo!
Marconi Burum

Ah, quando vamos nos dar conta de conformar e com-viver sem ela? Minha dor é tão grande como a de suas irmãs e de toda a família. Ela também era minha mana!
Magda Curado Martins

Um profundo silêncio...
Uma dor na alma!
Rita de Cássia Azeredo

Iêda Vilas-Bôas é um nome muito conhecido no estado de Goiás e pelos arredores do mundo. A escritora que foi responsável por liderar uma saga de defesa das árvores da Praça Imaculada Conceição, na cidade de Formosa, tem um histórico de muita luta em prol da cultura, da educação e da história de seu povo.

Doutora em Educação pela Universidad Enrique Gusmán y Valle – La Cantunta (Huancayo, Peru) e Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (Unb), trabalhou com Educação por anos de sua vida com dedicação. Por esse histórico, Iêda assume uma defesa da Educação como instrumento de transformação social.

A escritora, que preside a Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano, ALANEG, é também uma percursora e difusora da importância do Cerrado, bem como de sua cultura, história e originalidade.

Cerrado este que, mesmo ameaçado pelos grandes espaços de latifúndio, tem se mostrado berço para a resistência, da qual Iêda sempre assumiu o protagonismo. Em texto produzido para o Portal Cerratense, ela questiona: "O que temos feito pelo patrimônio ambiental, cultural e histórico de nosso Cerrado?"

Estudiosa e escritora da obra biográfica Cora Coralina, Iêda ficou conhecida pela autenticidade e lirismo de seu livro "A história de Aninha (que virou Cora Coralina)", também publicado em Língua Espanhola. A poetisa apresenta a importância da literatura para formação de cidadãos e cidadãs. Sua biografia, encontrada no Portal Cerratense, enfatiza que a Língua Portuguesa deva servir de instrumento na formação cidadã e garantindo-se como veículo de inclusão social.

Desde a sua fundação, em 2014, Iêda Vilas-Bôas compõe o Conselho Editorial da Revista Xapuri Socioambiental, onde assume uma temática literária muito relevante. Em tons biográficos e algumas poesias, ela ressalta a importância de mulheres e do feminismo na luta emancipatória e de conquistas populares, além de apresentar mitologias, lendas e sagrados que envolvam o feminino.

A Inclusão Social, entendida como mecanismo de garantia de participação de todos e de todas, principalmente na sua efetivação para grupos minoritários, diversas vezes sucumbidos pelas opressões, é tema central de sua produção. Iêda defende, a partir da literatura e do acesso à cultura, a garantia desse direito básico e essencial. Para além da pauta Educação, também apresenta pontos pela diversidade na narrativa histórica, enfatizando, assim, uma história não unilateral.

Ainda no município de Formosa-GO, a professora Iêda lutou, por boa parte de sua vida, para que vereadores da Câmara Municipal implementassem projetos com objetivo de ensinar a história de Formosa sob a perspectiva das minorias, dos olhares mais humildes e daqueles que não estão no poder. Para ela, o fundamental sempre foi apostar no conhecimento de um povo com sua narrativa original, trazendo à tona a valorização de sua identidade.

Iniciou uma luta pela manutenção das árvores da Praça da Matriz, contra cortes com justificativas esdrúxulas e inconsistentes, o que lhe rendeu, de forma efetiva, a Comenda Honorífica Dom Pedro II, motivada por seu embate em favor do espaço sociocultural.

Iêda foi e vai continuar sendo, para sempre, uma das mentes corajosas que permeiam pelo Cerrado, com uma capacidade gigante de acolhimento e receptividade, além de semear as sementes da Democracia. Para ela, nada foi tão importante quanto a garantia do acesso à cultura e à arte, na formação e garantia da cidadania.

O trabalho desta artista gigante você pode encontrar facilmente em http://xapuri.info, http://cerratense.com.br/. Lá existem muitos textos e muita poesia para quem quiser matar as saudades de Iêda Vilas-Bôas.

Nota da Redação: Matéria publicada no portal https://realnews.com.br/ em fevereiro de 2022. Título e texto editados por Zezé Weiss, para adequação ao projeto editorial desta revista de homenagem.

Pintura: Otoniel

HOMENAGEM DA FETEC-CENTRO NORTE

Nossa companheira Iêda Vilas-Bôas, parceira fundamental na Campanha *Awê Itsari*, em defesa do povo Xavante, nos deixou como legado este lindo texto-reflexão sobre os povos do Cerrado. Nós o publicamos como expressão de solidariedade à família e da certeza de que seu exemplo de luta seguirá nos movendo pelos tempos futuros. Gratidão, Iêda!

Cleiton Silva – Presidente da Fetec – Centro Norte.

FETEC CUT Centro Norte

CERRATENSE: QUE POVO É ESSE?

Iêda Vilas-Bôas

Não basta somente saber que o Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul e que ocupa uma vastidão de terras do território nacional. Importa saber que terras são essas, que povo é esse?

São muitos os que vivem e sobrevivem dos recursos naturais do Cerrado: etnias indígenas esparsas e sobradas pelo acaso, quilombolas corrompidos pelo afã do mundo virtual, geraizeiros que continuam se arriscando por profissão ou afeição nas brenhas dos Gerais.

São ribeirinhos, babaçueiros, vazanteiros que traduzem e compõem o valoroso mosaico do patrimônio geográfico, histórico e cultural brasileiro. Somos, com orgulho, o povo CERRATENSE, que habita o miolo geográfico do país.

Implica saber que estamos no Planalto Central e que o Cerrado nos cobre com sua benção. Esparrama seu manto amarelo-azul-gaio-cinzento sobre os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal. E, por bondade, estica seu manto para beiradas além no Amapá, Roraima e Amazonas.

É por essa importância geográfica que a literatura traz sua contribuição aos valores, tradições e culturas do Cerrado. O Cerrado é celeiro de intelectualidade. Podemos destacar inúmeros nomes que honraram a história e a literatura de nosso Brasil. Novamente, por preconceito, poucos são os que alcançaram notoriedade nacional.

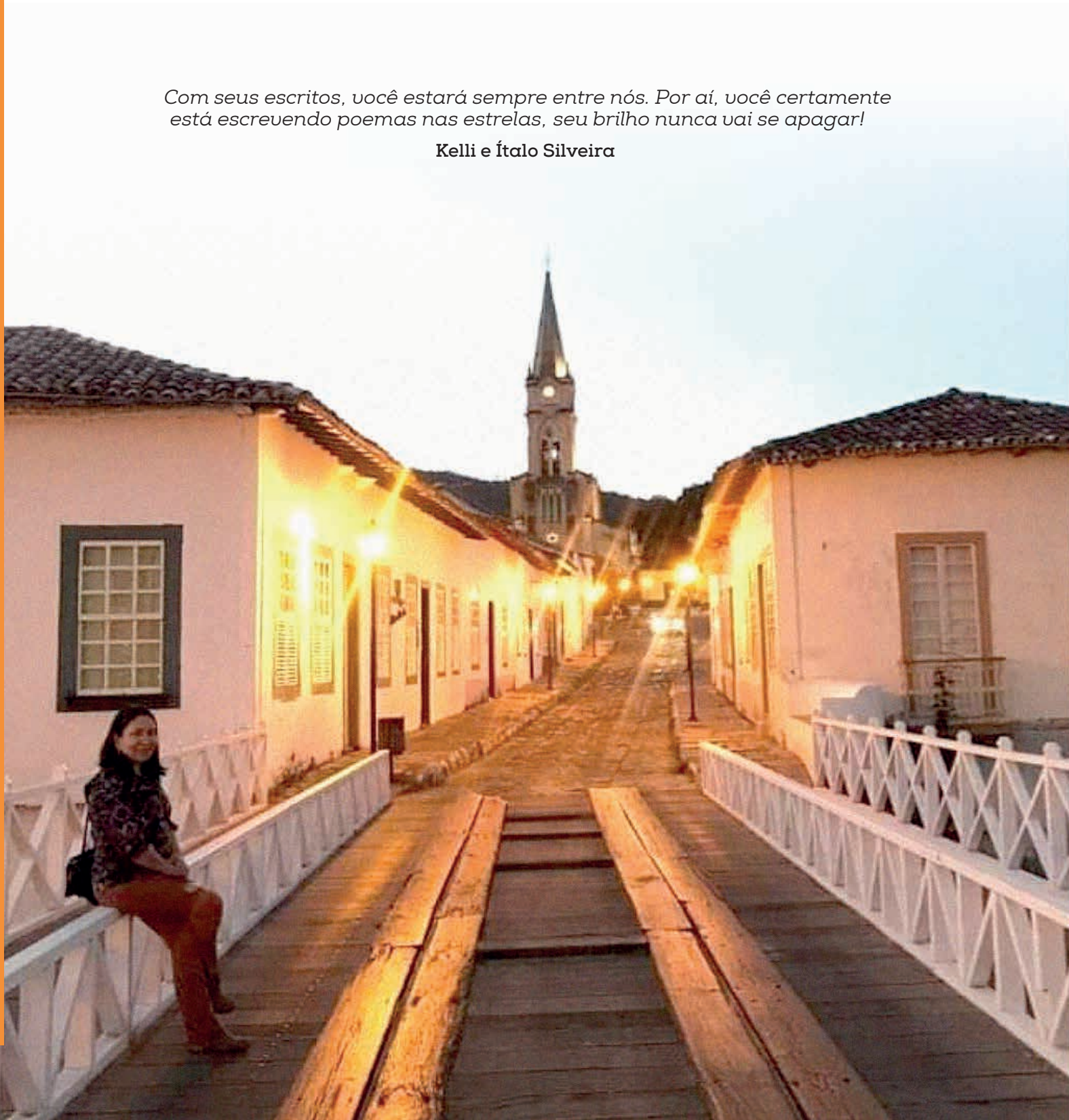
Iêda Vilas-Bôas (1963-2022) – Escritora Cerratense.

A HISTÓRIA DE ANINHA (QUE VIROU CORA CORALINA)

Iêda Vilas-Bôas

Com seus escritos, você estará sempre entre nós. Por aí, você certamente está escrevendo poemas nas estrelas, seu brilho nunca vai se apagar!

Kelli e Ítalo Silveira



Num ano muito distante (era 1889)
Houve um dia vinte
De um mês de agosto quente
Na Cidade de Goiás.
Um lugarzinho escondido
Pela sombra da Serra Dourada.

Na velha casa
À beira da ponte
Do Rio Vermelho
Nascia a menina Aninha.

Nascia em mau momento.
Sua mãe nem teve
Resguardo, amores e tempo.
Uma dor pungente
Consumia D. Jacinta.

Aninha nascia
E seu velho pai falecia.
Aninha sem pai,
Sem afeto,
Sem valia!
(...)
Foi crescendo
E muitos apelidos recebendo:
Feia, pandorga, moleirona,
Inzoneira, buliçosa,
De pernas moles,
Sempre tropeçando e caindo.

De fato havia
Muitas pedras em seu caminho!
Aninha feia
Aninha boba
aluna do banco das atrasadas
Da escola da mestra Silvina.

A que ninguém queria nas brincadeiras
A que não arranjava casamento
A que gostava de ler
E escrever.
(...)
Mas os versos enchem
Da menina
As ideias, o peito, o pensamento.
Precisam ganhar o mundo,
Materializar-se em escrita
Para ser lida.
Cumprir com seu destino:
Servir de verso-denúncia
Verso que grita, ataca,
Demonstra: verso-ameaça!
Contra todos os preconceitos.

Agora quem escreve
Não é mais Aninha.
Agora quem escreve
É Cora Coralina.
(...)

Sua vivência,
Seus saberes,
Sua eloquência.
O tempo – grande parceiro –
À Cora vai permitindo:
Noites de autógrafos,
Júbilos,
Comemorações,
Prêmio Jabuti,
Palavras de poeta
Por fim – o reconhecimento!
(...)
Um dia
Cora Coralina parte,
Mas não como chegou.
Não vai sozinha
Leva gloriosa soma
De tudo que viveu
E deixa
Escritos, livros,
Conselhos, vizinhos...

Para onde foi
A menina Aninha?
A jovem ousada?
A mulher forte?
A sábia anciã?

Cora, afinal, é cidadã do espaço
E de longe nos abençoa
Uma benção centenária
Para sempre
Na alma
Na memória
Daqueles que a amam.

A História de Aninha (que virou Cora Coralina) – Excerto do livro publicado em 2013, edição bilíngue (português/espanhol). Texto completo disponível em www.cerratense.com.br

HOMENAGEM DO GRUPO LANCE DE COMUNICAÇÃO

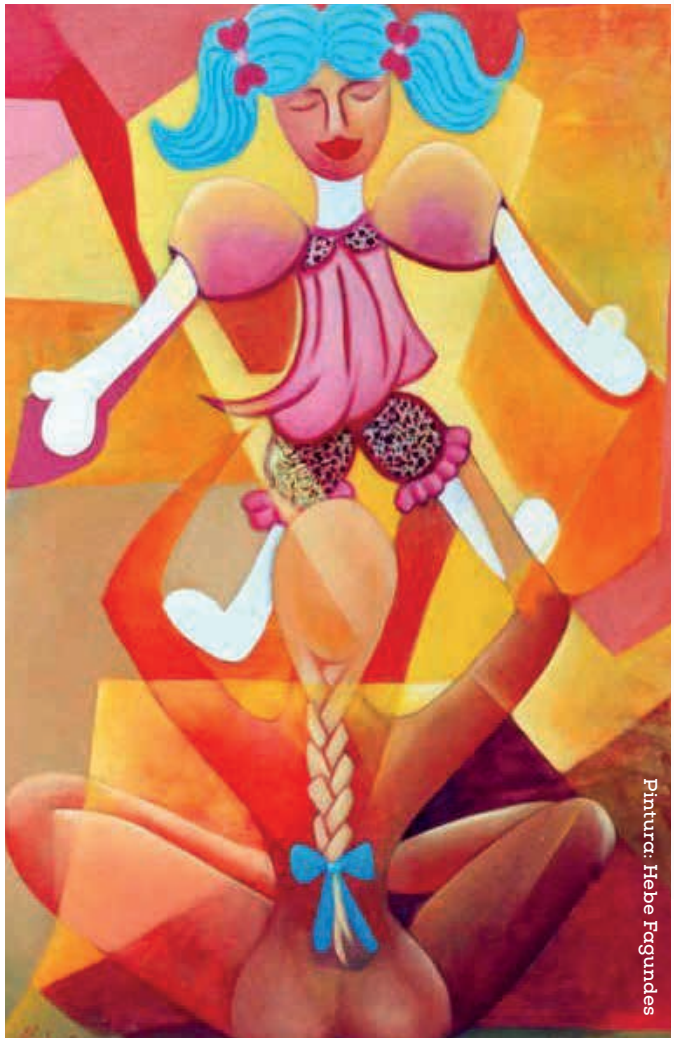
Uma triste Poesia, que ia, mas também sorria, que chorava, mas também lutava, que observava, mas que também escrevia, ou melhor, tão bem escrevia.

E pelo seu grito, às vezes em silêncio, a natureza ficou de pé. Mesmo que seja uma única árvore não derrubada, a causa valeu a pena.

Vida em vão? Jamais.

Para uma grande intelectual, uma poeta, uma brincante das letras, uma legítima Guarani-Kaiowá, a nossa humilde homenagem.

Para nós que olhamos daqui se afastar, afastar, afastar e deixando saudade, nos conforta e nos alegra saber que, do outro lado, onde ela agora se aproxima, e chega, a felicidade reina.



Pintura: Hebe Fagundes

HOMENAGEM DA REVISTA VIU?

Essa notícia devastadora é de uma tristeza sem fim! Compartilho o poema A Rotina, publicado na revista VIU?

Cássia Oliveira

A rotina

Todo dia
Essa senhora
Soberba e estável
Gorda e reluzente
Acomoda-se à minha frente.
Monstro implacável:
Com sutileza já devorou
De minha família
Os Vilas Boas, os Oliveira
Os Silva, os Pereira...
Um a um
Engolidos, triturados, macerados feito pó.
E ainda agora
Bicho de pé
Carpinteiro
Vem furando, esburacando
Os meus sonhos
Fincados na Lua.
Já estragou a alegria
O erotismo
A magia
Até a fé de quem não tinha.
A Rotina:
Monstro implacável
Abre o sorriso e
Debalde
Em luta vã
Peleja comigo.

POEMA PARA DODORA, NOS SEUS 103 ANOS

Iêda Vilas-Boas

Amiga, eu sou de poucas palavras, você sabe...
Guardarei para sempre o seu sorriso, a sua alegria, o seu carinho, a sua amizade longa e verdadeira. Te amo!
Elisa Maria Medeiros

Por quantas dores já passou Dodora?
E quantas flores plantou?
Com quantos bons odores nos presenteou?
Um bolo, uma sopa quentinha,
O café pontual.
Quantas vezes nos advertiu,
Nos ensinou, aconselhou
Com
Seu jeito tão próprio de nos criticar,
adular, cobrar, exigir...
Dodora tão forte em seu corpo franzino.
Dodora esquece de quase tudo,
Mas se lembra de mim
Em
Sua extensa vida!
Dodora, a mãe, a avó, a bisa, a guerreira,
O baluarte da família.
Dodora, aos 103 com desejos de
Que todos comam muito e bem, mas
Que arrumem a cozinha.
Dodora que não se esquece dos amigos
E bichos que adotou, como poderemos
Nos esquecer de você???
Para você, minha boa amiga!
Desejo que a vida sempre lhe sorria!
Amor! Dodora!

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) –
Escritora Cerratense.

HOMENAGEM DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

O Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras recebeu com tristeza a notícia do falecimento da professora e poetisa Iêda Vilas-Bôas, ex-presidenta do Diretório PT de Formosa.

Que Deus dê força à família, aos amigos e amigas, em especial às filhas Nara, Mahyra e ao Reinaldo Filho, suas irmãs Zezé Weiss, Maria Martha, Lúcia Resende e Sílvia Vilas Boas, e seu irmão Luiz Otávio.

Nosso abraço fraterno e solidário nesse momento de dor.

Kátia Maria – Presidenta do PT/Goiás

Onde você estiver agora, que você continue sendo fonte de inspiração, de coragem, de luz e de esperança!

Jacy Afonso – Presidente do PT/DF

Nossos profundos sentimentos à família enlutada.

Altamir Gualberto de Brito – Presidente do PT/Formosa

Meus sentimentos. Que a história de luta de toda essa família sirva de bálsamo neste momento de dor. Meu fraterno abraço de solidariedade!

Rubens Otoni – Deputado Federal – PT/GO

HOMENAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORMOSA

ESTADO DE GOIÁS
PODER LEGISLATIVO
CÂMARA MUNICIPAL DE FORMOSA

MOÇÃO DE PESAR Nº67/22 AC, DE 04 DE MAIO DE 2022

Autoria: Vereadores Acinemar Gonçalves Costa, Juciê Batista do Nascimento, Luziano Martins de Arau Shinayder Frederico de Melo Almeida e Wélio Antonio da Silva.

A Senhora
ROBERTA BRITO SCHWERZ FUNGHETTO
Presidente da Câmara Municipal de Formosa

Senhor Presidente, solicito nos termos regimentais, após ouvido o plenário, que seja registrado em ata o voto de pesar pelo falecimento do Sra. Ieda Vilas Boas, sendo esta iniciativa comunicada à família enlutada.

Câmara Municipal de Formosa, 04 de maio de 2022.

ACINEMAR GONCALVES COSTA
DATA 06/05/2022
Vereador

JUCIÊ BATISTA DO NASCIMENTO
DATA 06/05/2022
Vereador

SERPRO
Assinado digitalmente por: SHINAYDER FREDERICO DE MELO ALMEIDA
Assinado em: 06/05/2022
Sua autenticidade pode ser confirmada no endereço: <http://www.serpro.gov.br/assinador-digital>
Vereador

WELIO ANTONIO DA SILVA
DATA 06/05/2022
Vereador

Vereador

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001, que instituiu a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira – ICP-Brasil

Praça Rui Barbosa nº 70 – Centro – Fone: (61) 3631-1772 – CEP: 73.801-220 – Formosa-GO
www.formosa.go.leg.br nema@camaraformosa.go.gov.br [1]

Agradecimento especial ao vereador WELIO DE IRACI CHEGOU, pela iniciativa, e aos vereadores Acinemar Gonçalves Costa, Juciê Batista do Nascimento, Luziano Martins de Araujo e Shinayder Frederico de Melo, por assinarem juntos a Moção de Pesar.

Dela tenho lembranças doces da minha infância, aconchego e cuidado. Os causos, as lendas, os mitos e poemas eram muito melhores quando vindos dela. As risadas eram fartas! Nossos Natais e Viradas nunca mais serão os mesmos, mas seguiremos nas memórias e no amor que nunca se acaba. Marieda, encontre seu caminho e no encontro com meus/nossos amores diga que vivo de saudades! Grata por cada carinho e cuidado recebido.

Priscila Silva

O MITO DO ROMÃOZINHO

Iêda Vilas-Boas

O mito de Romãozinho percorre o imaginário do meu povo e habitou minha infância e a de muitas outras crianças e adultos dessa região que encanta a todos por sua beleza e seu esplêndido acervo cultural. O meu *Romãozinho* (re)conta a história de um menino muito levado que, com suas peraltices e mentiras, ocasionou uma tragédia familiar...

A contação desse mito tem a intenção de resgatar a memória das histórias perpetuadas pela oralidade e de fazer com que nossas crianças possam assumir, com orgulho, sua terra, seu lugar. Romãozinho é a materialização do povo cerratense, povo que vive no Planalto Central do Brasil.

Os mitos e lendas cerratenses despertam em mim o desejo de deixar em texto escrito o modo de falar dos antigos, os seus causos que embalavam e apressavam nossos sonos e sonhos, com todas as possíveis e impossíveis histórias reais ou inventadas. Essas histórias foram se remontando em minha cabeça e, agora, saem da oralidade e tomam a forma poética de minha escrita. Boa leitura!

Romãozinho era o filho mais velho de Seu Romão
e Dona Joana.
Um caboclinho nascido lá pelas bandas do Furado-Capim,
Que fica bem no centro do Centro-Oeste,
No coração do Brasil.
O menino foi crescendo, rasgando a vida no peito.
Romãozinho era um menino levado.
Colecionava traquinagens e diabruras:
Mentia, xingava, brigava... até dava sapituca.
Sua mãe bem que tentava... O velho pai bem que pedia...
E o Romãozinho? Na mais pura estripulia!
E assim...
Plantando terrores,
Colhendo horrores,
Romãozinho cresceu.
Dava nó no rabo do gato,
Colocava sal nas costas do sapo,
Punha açúcar na comida,
Amarrava latas no rabo do cachorro e mais,
Tinha prazer em quebrar os ovos das galinhas.
Romãozinho não tinha jeito, não!
Se a mãe pedia um favor – não fazia.
Se o irmão estava brincando – atrapalhava.
Não gostava de estudar.
O menino não queria nada com nada!
não tinha jeito, não!
Se a mãe pedia um favor – não fazia.
Se o irmão estava brincando – atrapalhava.
Não gostava de estudar.
O menino não queria nada com nada!
– Romãozinho, Romãozinho, venha almoçar! Fiz galinha com arroz.
– Eu quero o peito. Quero a coxa!
A mãe, cheia de carinho,
Explicava que aqueles pedaços
Estavam reservados para o pai
Que trabalhava na roça.
O moleque não entendia.
Resmungava, discordava e fazia troça.
Um dia, Romãozinho foi levar a comida
Para seu pai.
No caminho, ele parou e comeu a carne todinha
Dos pedaços da galinha.
Quando o pai abriu a marmita,
Não tinha galinha nenhuma. Só os ossos!
O pai ficou muito bravo, e Romãozinho ficou acuado.
– Foi a mãe que mandou assim, meu pai!
Ela deu toda a carne da galinha pra visita.
– Que visita? Indagou o pai.
– O senhor não sabia?
Um homem que ficou lá conversando com ela.
O pai, furioso, homem ciumento e bravo que era,
Largou a enxada, ajeitou o chapéu na cabeça e...
Rumou para sua casa
Para apurar aquela história.
O pai não se conformava em ter sido passado para trás
E nem deu tempo de a mulher se explicar:
– Mulher, você vai morrer pela afronta que me fez
Mandando ossos para o meu almoço!
E assim o pior aconteceu.
Antes de a pobre mulher fechar os olhos eternamente,
Rogou uma praga contra o filho:
– Você vai perambular pelo resto da sua vida,
Que não vai ter fim,
À procura de galinha para saciar a sua fome que nunca vai se acabar.
Dizem que, até hoje, Romãozinho percorre os telhados,
Atraído pelo cheiro gostoso de alho e tempero fritos
No óleo e de galinha cozinhando.
Quando a cozinheira é descuidada ele... zás!
Rouba o peito do frango e sai em disparada.
Outras vezes, quando não consegue,
Ele fica nervoso e joga pedras nas casas.
Eita, caboclinho ruim!
Então, agora, preste bastante atenção:
Quando a comida em sua casa for galinha,
Confira se o peito está na panela
Ou cuidado com a chuva de pedra.

Conselho útil para afastar o Romãozinho, ou não ser incomodado por ele: Faça uma oração pelas almas e assovie uma bela canção. Não sabe, não?! Ih...! Você está encrencado!

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) – Escritora Cerratense. *Romãozinho – Mitos e Lendas Cerratenses (2014).* Disponível em www.flipsnack.com

HOMENAGEM DO SINPRO-DF

Com a partida de Iêda Vilas-Bôas, a Educação perdeu uma de suas mentes mais instigantes. O Sinpro-DF, uma combativa militante. Como expressão de nosso profundo sentimento, publicamos, à maneira de homenagem, o poema *"No Cerrado Tem"*, segundo Iêda, "feito para crianças que precisam aprender a gostar, admirar e cultuar nosso chão Cerratense."

Rosilene Corrêa Lima – Diretora do Sinpro-DF.

Pintura: Otoniel

No Cerrado tem

No Cerrado tem
Ninguém mandou plantar,
Nem precisou colocar:
Buriti, cagaita, ipê-amarelo...

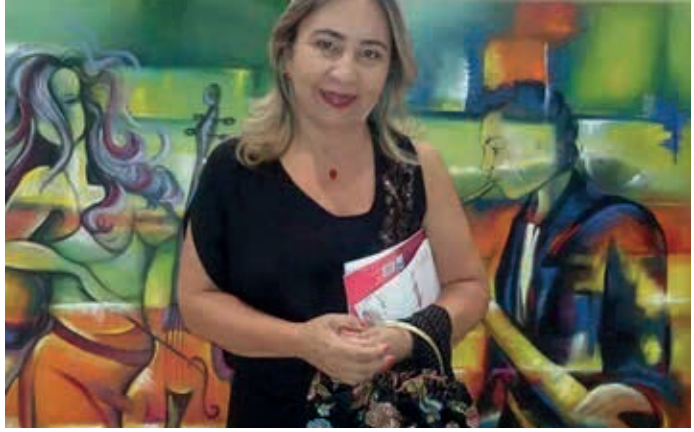
Tem jatobá cheiroso, o pequi tão gostoso
E fogo-apagou a avisar
Tem caviúna, mangaba e sabiá-laranjeira,
Que canta pra nos alegrar!

Tem perdiz, beija-flor cantador
E caliandra vermelha
Pra terra enfeitar!

Tem sucupira, canela-de-ema,
Quero-quero ligeiro e caracará!
Tem gavião-caboclo, urubu-rei,
E arara azul muito linda,
Pra gente admirar!

Tanta planta e tanto bicho,
E a gente só precisa preservar!

Iêda Vilas-Bôas (1963–2022) – Escritora Cerratense.



Pintura: Hebe Fagundes

ESTAMOS TODOS ÓRFÃOS

Hebe Fagundes

Estamos todos órfãos! As aldeias, os quilombos, o meio ambiente, os animais, os pobres, os oprimidos, as mulheres, os LGBTQIA+, os direitos humanos, os injustiçados, os discriminados, os excluídos, os sem-teto, os sem-terra, as árvores da Catedral de Formosa, a cidade, o Goiás, o Brasil, o planeta...

A poesia calou-se tragicamente na noite de sexta-feira, 08/04 deste ano, deixando-nos devastados!

Teremos voz pra seguir com seu legado?

Dentre tantos, a Mulher que levanta outras mulheres.

E a voz dessa Mulher que levantava outras mulheres, ecoando aguda em minh'alma, lembrando-me de uma ocasião em que eu me encontrava deprimida, quando ela me ligou, convidando pra fazermos uma parceria: você com seus poemas, eu com minhas telas, pra coluna "Oficina Poética" da Elizabeth Abreu Caldeira Brito, no Jornal Diário da Manhã de Goiânia.

E, apesar do desânimo em que me encontrava, dei carta branca pra ela escolher as telas na minha Galeria Virtual. Ela fez tudo sozinha. Até o resumo da minha biografia. E saiu num domingo, fiquei na maior expectativa, ligando pro Jorge e pra Ione Antonini (que moravam em Goiânia) pra comprar uns jornais pra eu mostrar pros amigos, pra família. E pro currículo.

Pois bem, um desses cadernos, caiu nas mãos da Cássia Oliveira, editora da revista VIU? Magazine, que também fez questão de registrar nosso trabalho em sua revista, na 19ª edição, tal e qual saíra no Jornal, rendendo outra publicação.

Me senti tão honrada e grata por ter feito esta parceria com a Iêda, por estarmos juntas em tantas lutas, ela sempre sendo a estrela-guia, puxando a frente, derrubando cercas, "recolhendo pedras e plantando flores", dona de uma coragem e uma disposição incríveis!

Minha amada Iêda Vilas-Bôas Guarani Kaiowá, seus sonhos serão nossos sonhos! Sua luta segue agora como nossa luta! Sua vida, infinitamente maior, superior e exemplar, deixa em nós a responsabilidade de continuar, apesar de tudo, apesar dessa dor.

Iêda, você foi uma deusa pagã! E quando uma deusa morre, a terra treme e diminui. O resto é silêncio. À sua memória, toda minha gratidão, meu afeto e minha inspiração eterna. Te amarei pra sempre! Ah, minha amiga, como dói!

VOCÊ TOCOU NOSSOS CORAÇÕES

Paulinho Falbo Gontijo

Como falar dessa minha amiga,
Cujo ativismo até hoje me intriga
Como falar dessa mulher mais macho que muito homem
Mulher elevada, que elevou-se deixando uma saudade que não some

Queira Deus que nasçam outras Iêdas Villas-Bôas
Mulher que não enterram, pois é semente das Boas

Mulher coragem, mulher bondade, mulher coração
Mulher cultura, mulher história, mulher canção

Quem é essa mulher, poetisa, professora, ambientalista
Quem é essa mulher, Guarani, Coralina, mulher artista

Mulher, mãe, irmã, amiga, professora
Que professava e inspirava tantas pessoas

Mulher generosa, cristã, socialista, humana
Mãe de todas as causas nobres, defensora das letras, das matas dos pobres
Ieda era assim, quase uma Pacha Mamma

Esse mundo era pequeno demais pro seu espírito
Pequeno demais para suas causas
Virou anjo, criou asas
Mas seu nome está escrito

No coração e na memória de quem teve a benção de te conhecer
Seu corpo foi, mas você fica
Essa grandeza ninguém explica
De onde está, continue a me benzer

Não sei nem bem o que dizer
Com os versos não tenho seu talento
Mas por você eu tento
Só pra te bendizer e agradecer

Fica com Deus
Fica em paz
Que nós, os seus,
Não te esqueceremos jamais

Por aqui, o mundo ficou um pouquinho pior
Mas o Céu está muito melhor

Já já a gente se reencontra
Como dizia Cora:
Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Você tocou o nosso coração
Somos um pouquinho melhores graças a você.
Até breve!

EU AINDA CHORO

Maria Marlene de Souza Abdalla

Eu ainda choro
Pelos abraços que não tivemos
Pelos encontros adiados
Pelo café que não tomamos
Pela conversa que não tivemos
Choro de saudade do que vivemos
e do que ainda não tínhamos vivido
Pelas ligações que não foram feitas
Choro por sua partida prematura
E por não compreender
Choro por seu talento perdido
Choro por sua dor
Por sua solidão
Choro
Mas respeito sua decisão
Para uma alma luminosa como sua
Esse mundo terreno era muito pouco
Você estará emanando para sempre
Sua luz para nos guiar
Obrigada, Irmãzinha,
Vá em paz!

Acalanto para Iêda Vilas-Bôas

batista filho

cá, no silêncio da alma
e lá, onde o mar
se (con)funde com o céu
miríades
de luzes
compõem
sinfonia
de
amizade
que o vento arruma
d
e
s
a
r
r
u
m
a
enquanto brinca com nuvens
a beijar espuma.

CINZAS

Desde a tarde de sexta-feira, 22 de abril de 2022, como era seu desejo, suas cinzas repousam no jazigo de nosso pai, Otávio Pereira da Silva, a quem você chamava de "Sô Vico", no Cemitério Central de Formosa.

Depois de duas décadas entre consultas com psicólogos e psiquiatras, pajés e pais de santo, entre internações voluntárias, com a rotina da saída rápida das clínicas, e os anúncios, nos últimos meses quase diários, de que, finalmente, a hora do encanto era chegada, dessa última vez você só nos avisou quando já não podíamos fazer mais nada, hermana.

Dói sem tanto saber que você, pessoa tão brilhante, tão guerreira, tão vibrante, tão amada, fosse ao mesmo tempo tão frágil, ao ponto de se deixar abater ante os infortúnios da vida, ante as intragáveis mazelas deste mundo. Dói sem tanto saber que pra você o planeta ficou insuportável, pesado e pequeno, hermana.

Encerrados os rituais de despedida, daqui pra frente serão só amorosas saudades suas, dessa mulher tão extraordinária que passou por nossas vidas entre ventanias felizes de belas vivências e causos lindos e vendavais de dores profundas, para as quais o remédio final foi o encantamento. Uma "decisão maturada", como você sempre dizia.

Você escolheu seguir sendo estrela cerratense em algum jardim de "plantas tortas" nos insondáveis mistérios da imensidão do infinito. Para nós, opção incompreensível. Para você, lúcida, brava, honrada e corajosa escolha. Celebremos seu legado. Honremos sua memória. Respeitemos sua decisão.

Paz e Bem, Hermana!

4
7
0
CONFIRMA

Eleja quem respeita você!

Está na hora de tirar os lgbtqiafóbicos do poder!

17 de maio | Dia Internacional de Combate à LGBTQIAFOBIA

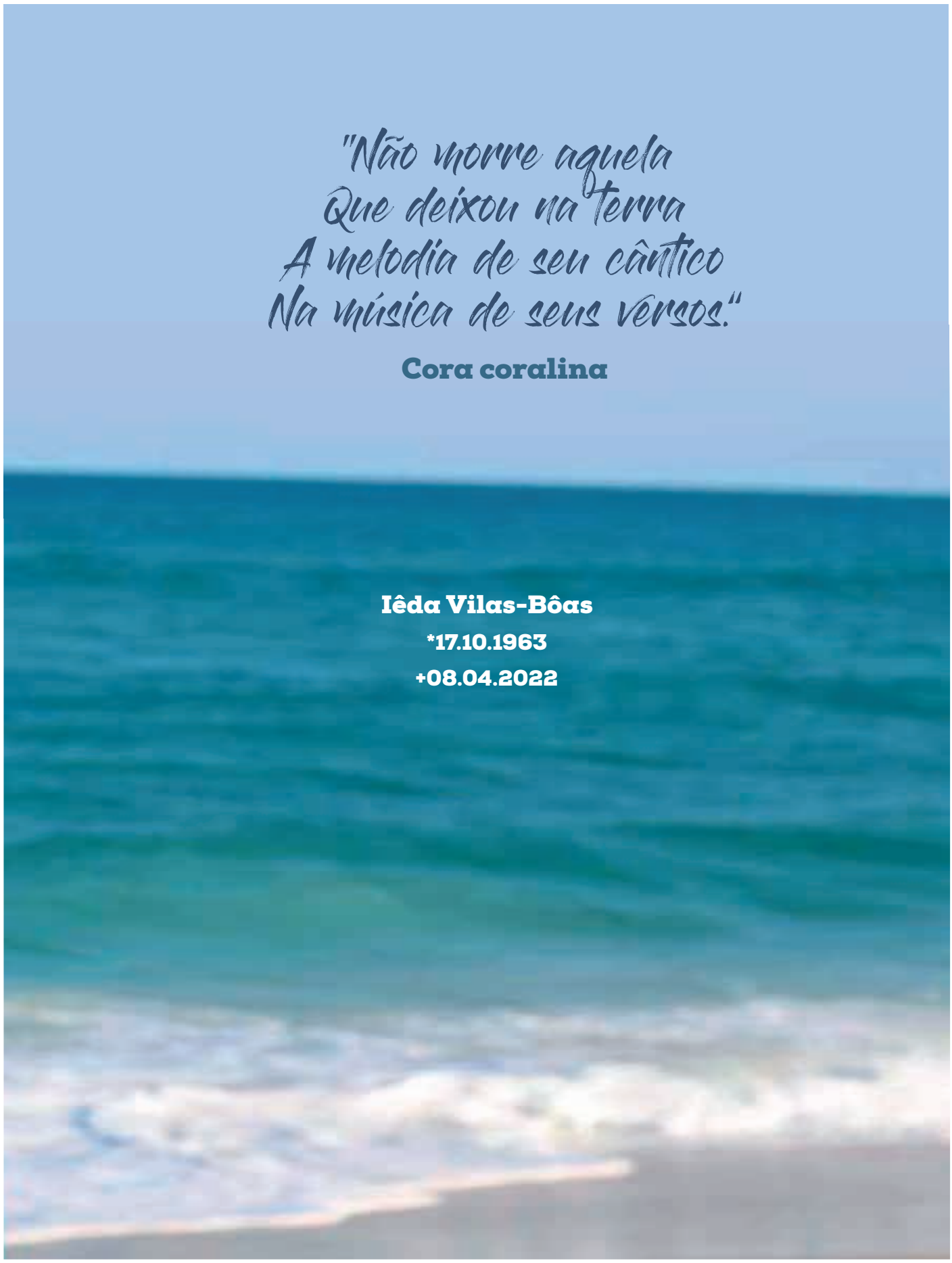
Educação sem LGBTQIA+fobia

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Brasil

Filiada à CUT Brasil

Internacional da Educação

FNPE Fórum Nacional Popular de Educação



"Não morre aquela
Que deixou na terra
A melodia de seu cântico
Na música de seus versos."

Cora coralina

Iêda Vilas-Bôas

***17.10.1963**

+08.04.2022